

P.C. CAST + KRISTIN CAST



redimida

UM ROMANCE DA CASA DA NOITE

Tradução de Susana Serrão



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



Dedicamos este livro a Matthew Shear — editor, amigo, figura paterna e paladino. Eu e a Kristin costumamos dizer que a St. Martin's é a nossa família. Pois bem, o Matthew foi o coração dessa família. Temos saudades dele.



AGRADECIMENTOS

É com muito amor, respeito e afeto que agradecemos à nossa agente, Meredith Bernstein, sem a qual a Casa da Noite não existiria. Obrigada por me dares a ideia de uma série passada numa “escola de etiqueta para vampyros.” Obrigada pela tua integridade e tino para o negócio. E obrigada pela tua amizade. Adoramos-te!

A St. Martin’s Press é uma editora de sonho. Temos lá uma família espetacular! Desde o primeiríssimo livro que temos tido o apoio e o entusiasmo da nossa equipa. Obrigada a todos os que têm trabalhado tanto para o sucesso da Casa da Noite, especialmente: Jennifer Weis, Anne Marie Talberg, Jennifer Enderlin, Sally Richardson, Steven Cohen, Jeanne-Marie Hudson, Sylvan Creekmore, Stephanie Davis, Bridget Hartzler, e uma equipa de produção sempre assoberbada. Também agradecemos a beleza e o design dos nossos livros, capas, posteres, etc. Obrigada, equipa SMP! Do fundo do coração!

Obrigada aos fãs da Casa da Noite! Temos os fãs mais criativos, leais e entusiásticos do mundo. São adorados e apreciados por nós!

Da P.C.: Obrigada à minha parceira de tempestade de ideias, Christine, a qual já me tirou do fogo do enredo tanta vez que já lhe perdi a conta durante esta série.

Obrigada ao meu pai, Dick Cast (Super-Rato!), o qual foi inestimável na criação dos alicerces biológicos para os vampyros da Casa da Noite.

Obrigada à Kristin, minha filha maravilhosa e talentosa, a melhor revisora da voz adolescente que o universo já viu!

E obrigada ao meu companheiro de vida, o muito paciente Dusty. Ele sabe porquê.



redimiça



PRIMEIRO CAPÍTULO

Zoey

Nunca senti tal escuridão. Nem mesmo estilhaçada e presa no Outro Mundo e com a alma a fragmentar-se. Nessa altura estive quebrada e esmagada e quase a perder-me para sempre. Senti as trevas por dentro, mas as pessoas que me amavam foram faróis de esperança luminosos e belos, e consegui encontrar força nessa luz. Consegui abrir caminho para sair da escuridão.

Desta vez, não tinha esperança alguma. Não conseguia encontrar a luz. Eu merecia continuar perdida, permanecer estilhaçada. Desta vez, eu não merecia que me salvassem.

O Detetive Marx tinha-me levado para o gabinete do xerife da Comarca de Tulsa, em vez de me meter na cadeia com o resto dos criminosos acabados de prender. Na viagem, que me pareceu infundável, da Casa da Noite para o enorme edifício de tijoleira situado na First Street, o detetive tinha conversado comigo, explicado que fizera um telefonema — puxara uns cordelinhos — e que eu ia ficar numa cela especial até o meu advogado tratar do meu processo-crime, de modo a que eu pudesse sair sob fiança. Eu tinha passado a viagem a olhar para a estrada e para o espelho retrovisor. Tinha fitado aqueles olhos. Não tinha precisado de muito tempo para interpretar a expressão deles.

Ele sabia que eu não tinha hipótese de sair sob fiança.

— Não preciso de advogado — tinha dito eu. — E não quero fiança.

— Zoey, não estás a pensar bem. Dá um tempo. Vai por mim, vais precisar mesmo de um advogado. Se conseguisses sair sob fiança, seria a melhor coisa para ti.

— Mas não seria a melhor coisa para Tulsa. Ninguém vai deixar um monstro à solta. — A voz saíra-me neutra e inexpressiva, mas por dentro eu gritava desalmadamente.

— Tu não és nenhum monstro — dissera Marx.

— O detetive não viu os dois homens que eu matei?

Ele tinha olhado para mim pelo espelho outra vez e assentira com a cabeça. Pude ver que os lábios dele mais pareciam uma linha fina, como que a refrear qualquer coisa para dizer. Não sei porquê, mas o olhar dele ainda tinha bondade. Não consegui fitá-lo.

A olhar pela janela, disse:

— Então sabe o que eu sou. Chame-lhe monstro, assassina, vampyra iniciada transviada, vai dar tudo ao mesmo. Eu mereço ficar enjaulada. Eu mereço o que me vai acontecer.

Ele tinha deixado de falar comigo nessa altura, e eu ficara aliviada.

Havia uma cerca de ferro forjado a vedar o parque de estacionamento do gabinete do xerife, e Marx entrou pelas traseiras, onde teve de esperar que o identificassem antes de se abrir um portão maciço. Depois parou o carro e levou-me, algemada, por uma porta e para uma sala grande e concorrida com divisões em cubículos. Quando entrámos, os polícias conversavam e os telefones tocavam. Assim que viram que era eu e Marx, foi como se carregassem no interruptor para desligar. As conversas pararam e os basbaques começaram.

Olhei em frente, para um ponto na parede, e concentrei-me em não deixar a gritaria dentro de mim sair.

Tivemos de atravessar esta sala. Depois passámos outra porta que dava para uma saleta como aquelas em que a espetacular Mariska Hargitay, da *Lei e Ordem: SVU*, faz interrogatórios aos maus da fita.

Na altura, foi um grande abalo, assimilar que o que eu tinha feito me punha a *mim* na categoria de má da fita.

redimiça

Havia uma porta na outra ponta da sala que dava para um corredor. Marx virou à esquerda. Parou para passar a identificação e abriu-se uma porta de aço maciça e grossa. Do outro lado da porta, o corredor acabava em poucos metros. Havia outra porta metálica à direita, mas aberta. A parte de baixo era sólida mas, à altura dos ombros, começavam as barras. Barras pretas e espessas. Foi onde o Detetive Marx parou. Olhei lá para dentro. A sala era um túmulo. De súbito, faltou-me o ar e os meus olhos desviaram-se daquele lugar horrível até encontrarem o rosto familiar de Marx.

— Com o poder que tens, imagino que conseguisses fugir daqui.
— Ele falou baixinho, como se imaginasse alguém a ouvir-nos.

— Deixei a Pedra Vidente na Casa da Noite. Foi o que me deu o poder de matar aqueles dois homens.

— Então não os mataste sozinha?

— Enraiveci-me e atirei a raiva contra eles. A Pedra Vidente só me deu um empurrão. Detetive Marx, a culpa foi minha. Ponto final.

— Tentei soar durona e segura de mim, mas a minha voz tinha ficado fraca e trémula.

— Consegues fugir daqui, Zoey?

— Sinceramente não sei, mas prometo que não vou tentar. — Respirei fundo e exalei de rajada, contando-lhe toda a verdade. — Por causa do que fiz, o meu lugar é aqui e, aconteça o que acontecer, é merecido.

— Bem, eu prometo-te que ninguém te vai incomodar aqui. Ficarás a salvo — disse ele amavelmente. — Já tratei disso. Portanto, aconteça o que acontecer, não será uma multidão a querer linchar-te.

— Obrigada. — A voz sumiu-se, mas as palavras saíram.

Ele tirou-me as algemas.

Eu não me conseguia mexer.

— Agora tens de entrar na cela.

Obriguei os pés a mexerem-se. Lá dentro, virei-me e, antes de ele fechar a porta, disse:

— Não quero ver ninguém, muito menos da Casa da Noite.

— Tens a certeza?

— Tenho.

— Comprendes o que estás a dizer, não comprendes?

Acenei com a cabeça.

— Sei o que acontece a uma iniciada que não esteja perto de vampyros.

— Em suma, estás a condenar-te.

Não era uma pergunta, mas dei-lhe a resposta na mesma.

— Estou a assumir responsabilidade pelos meus atos.

Ele hesitou, como se tivesse algo mais a dizer, mas acabou por encolher os ombros e rematar:

— Então, está bem. Boa sorte, Zoey. Lamento que tenha chegado a este ponto.

A porta fechou-se como se selasse um caixão.

Não havia janela, não havia luz exterior além da que entrava do corredor pelas barras da porta. Na outra ponta da cela havia uma cama — um colchão fino em cima de uma coisa dura presa à parede. Havia uma sanita de alumínio numa parede paralela, não muito longe da cama. Não tinha tampa. O chão era de cimento preto. As paredes eram cinzentas. A manta em cima da cama era cinzenta. Sentindo-me como num pesadelo acordada, fui até à cama.

Seis passos. Era esse o comprimento da cela. Seis passos.

Fui à parede lateral e atravessei a cela. Cinco passos. Cinco passos de largura.

Eu tinha razão. Se não contasse com o espaço até ao teto, estava presa num túmulo do tamanho de um caixão.

Sentei-me na cama, puxei os joelhos ao peito e abracei-os. O corpo tremia-me convulsivamente.

Eu ia morrer.

Não me lembrava se o Oklahoma era um Estado onde aplicassem a pena de morte. Como se eu tivesse tomado atenção nas aulas de História enquanto o Treinador Fitz passava filmes atrás uns dos outros! Seja como for, também não importava. Eu tinha saído da Casa da Noite. Sozinha. Sem vampyros. Até o Detetive Marx compreendia o que isso implicava. Era apenas uma questão de tempo até o meu corpo começar a rejeitar a Mudança.

Como se carregasse num botão para rebobinar dentro da cabeça, começaram a passar imagens de iniciados moribundos pelo ecrã das minhas pálpebras fechadas: Elliott, Stevie Rae, Stark, Erin...

redimiça

Fechei os olhos ainda com mais força.

Acontece rápido. Mesmo, mesmo rápido, prometi a mim mesma.

Depois passou-me pela ideia outra cena de morte. Dois homens — sem-abrigo, grosseirões, mas vivos até eu ter perdido a cabeça. Lembrei-me de como atirara a raiva contra eles... como tinham embatido no muro ao lado da pequena gruta no Woodward Park... como tinham lá ficado, numa pilha de ossos partidos...

Mas eles estavam a mexer-se! Não achei que os tivesse matado! Não tinha intenção de os matar! Foi realmente apenas um acidente horrível!, gritava a minha mente.

— Não! — Ralhei com o meu lado egoísta que queria arranjar desculpas, que queria fugir das consequências. — As pessoas entram em convulsões quando morrem. Estão mortos porque eu os matei. Não compensa o que fiz, mas eu mereço morrer.

Enrolei-me debaixo da manta áspera e cinzenta, virando-me para a parede. Não liguei ao tabuleiro com o jantar que enfiaram por uma ranhura da porta. Também não tinha fome, mas *fosse o que fosse* que havia no tabuleiro também não me tentava.

Por qualquer razão, a comida má fez-me lembrar do último aroma a comida mais fabuloso que eu já tive — pxarguete na Casa da Noite, rodeada de amigos.

Porém, na altura, estava completamente stressada com a situação Aurox/Heath/Stark. Não tinha conseguido apreciar o pxarguete. Também não tinha conseguido apreciar os meus amigos. Nem o Stark. Mesmo nada.

Nem parara para pensar na *sorte* que era ter dois tipos espantosos a gostarem de mim. Antes pelo contrário, sentia-me chateada e frustrada.

Pensei na Afrodite. Lembrei-me de a ouvir falar com a Shaylin para me vigiarem. Lembrei-me de ter aparecido de repente e de ter empurrado a Shaylin com o poder da minha raiva concentrado pela Pedra Vidente.

A recordação fez-me encolher de vergonha.

A Afrodite tinha toda a razão. Eu precisava mesmo que me vigiassem. Não era que ela tivesse conseguido fazer-me ver a razão. Raios, quando ela tentara, eu não tinha sido nada razoável.

Encolhi-me outra vez quando me lembrei do quanto tinha estado perto de atirar a minha raiva contra a Afrodite.

— Oh, minha deusa! Se tivesse, podia ter matado a minha amiga.
— Falei para as palmas das mãos quando tapei a cara de vergonha.

Não importava que a Pedra Vidente, de algum modo, e sem eu pedir, me tivesse amplificado os poderes. Avisos não me tinham faltado. Sempre que eu me chateava, a Pedra Vidente ficava cada vez mais quente. Porque é que eu não tinha parado para pensar no que se estava a passar? Porque é que não tinha pedido ajuda a alguém? Tinha pedido conselhos sobre namorados à Lenóbia. *Sobre namorados! Devia ter pedido uma intervenção contra a raiva!*

Porém, não tinha pedido ajuda para nada tirando aquilo em que a minha visão redutora se concentrara: *eu*.

Andava mesmo armada em cabra egoísta.

Merecia bem ficar onde estava. Merecia bem as consequências.

A luz do corredor apagou-se. Eu não fazia ideia das horas. Pareciam anos em vez de meses, desde quando eu era humana — uma adolescente normal que tinha de se deitar cedo como o caracás em dias de aulas.

Desejei, com todas as forças do meu ser, poder chamar o Super-homem e fazê-lo voar ao contrário à roda da Terra até o tempo voltar a ontem. Assim estaria em casa, na Casa da Noite com os meus amigos. Iria direitinha aos braços do Stark e dir-lhe-ia o quanto o amava e apreciava. Dir-lhe-ia que estava arrependida da trapalhada do Aurox/Heath e que havíamos de resolver tudo — nós os 2,5 — mas que eu ia apreciar o amor que me rodeava, desse lá por onde desse. Depois arrancaria do pescoço a maldita Pedra Vidente, iria à procura da Afrodite para lha dar a guardar como se ela fosse o meu Frodo.

No entanto, era tarde de mais para desejos. Fazer o tempo voltar para trás não passa de uma fantasia. O Super-homem não existe.

Não dormi. Era noite, e a noite tornara-se no meu dia. Naquele momento, devia estar nas aulas com os amigos, na minha vidinha, a ter o que era (para mim) um “dia” normal. Mas não, estava ali deitada, abraçada a mim própria. Devia ter tido mais cabecinha. Devia ter sido mais mulherzinha. Devia ter sido tudo menos uma fedelha mimada.

Horas depois, ouvi a ranhura da porta abrir-se outra vez e, quando

redimiça

me virei, vi que me tinham levado o tabuleiro intocado. Ótimo. Talvez o cheiro desaparecesse também.

Tinha de fazer chichi, mas não queria. Não queria usar a sanita nua espetada na parede no meio da cela. Olhei para os cantos da paredes com o teto. Câmaras.

Seria legal que os guardas vissem os presos a fazer chichi?

Será que as regras habituais se aplicavam a mim? Quer dizer, nem nunca tinha ouvido falar de uma iniciada ou uma vampyra a ser julgada num tribunal de humanos, nem a ser fechada numa prisão para humanos.

Não tenho de me ralar com isso. Hei de afogar-me no meu próprio sangue antes de ir a julgamento.

Por mais estranho que possa parecer, era uma ideia reconfortante e, quando a luz do corredor se acendeu, caí num sono inquieto e sem sonhos.

Parecia terem passado só dez segundos quando a ranhura da porta se escancarou e outro tabuleiro de alumínio me entrou pela cela adentro. O ruído acordou-me, mas ainda me sentia sonolenta, ainda tentei pegar no sono outra vez — até que o aroma a ovos e bacon me fez água na boca. Há quanto tempo não comia nada? Credo, sentia-me péssima. De olhos turvos, levantei-me e dei os seis passos até à porta, peguei no tabuleiro e levei-o com cuidado para a cama toda revolta.

Os ovos eram mexidos mas muito aguados. O bacon mais parecia carne seca. Havia café, uma embalagem de leite, e uma torrada seca.

Teria dado praticamente tudo por uma tigela de *Conde Chocula* e uma lata de cola.

Comi uma colherada de ovos, mas achei-os tão salgados que quase me engasguei.

Em vez de me engasgar, comecei a tossir. Com uma tosse horrível, veio-me um sabor à boca, um sabor metálico, escorregadio, quente e estranhamente maravilhoso.

Era o meu próprio sangue.

O medo assolou-me como um foguete, deixou-me zozza, fraca e enjoada. *Já está a acontecer? Não estou preparada! Não estou preparada!*

Tentei pigarrear, tentei respirar, cuspi os ovos, não liguei ao tom rosado do amarelo aguado, pus o tabuleiro no chão e enrolei-me na

cama; abracei o corpo outra vez e esperei por mais tosse e mais sangue — muito mais sangue. Tinha as mãos a tremer quando limpei a humidade que me brotava nos lábios.

Tinha tanto medo!

Não tenhas, disse de mim para comigo, a tentar refrear um ataque de tosse pavoroso. *Não tardas a ver Nyx. E o Jack. E talvez até o Dragão e a Anastasia.*

E a Mãe!

A mãe... De repente, quis a minha mãe com uma saudade terrível.

— Quem me dera não estar sozinha — sussurrei em voz rouca para o colchão duro e achatado.

Ouvi a porta abrir-se, mas não me virei. Não queria ver a expressão horrorizada de um estranho. Fechei os olhos com força e fingi que estava na quinta de alfazema da minha avó, a dormir no quartinho que tinha lá. Tentei fingir que o cheiro a ovos e bacon era ela a cozinhar, e a minha tosse apenas uma constipação que me impedia de ir às aulas.

E estava a conseguir! Oh, obrigada, Nyx! De repente, juro que conseguia cheirar os aromas que rodeavam sempre a avó, alfazema e glicéria. Deram-me coragem para falar depressa, antes que a voz se embargasse de sangue, a quem tivesse entrado.

— Não faz mal. Isto é o que acontece a alguns iniciados. Vá-se embora se faz favor e deixe-me sozinha.

— Oh, Zoeybird, minha preciosa *u-we-tsi-a-ge-ya*, ainda não sabes que eu nunca te deixarei sozinha?

redimiça



SEGUNDO CAPÍTULO

Zoey

Achei que ela fazia parte de uma alucinação de moribunda, ali de pé à porta da cela, trajada com uma camisa de linho violeta e calças de ganga puídas, um dos muitos cestos de piquenique na curva do braço, mas, assim que me virei para a ver, ela correu para mim, sentou-se à beira da cama e envolveu-me nos seus braços com o aroma da minha infância.

— Avó! Tenho tanta pena! Tenho tanta pena! — Chorei no ombro dela.

— Chiu, *u-we-tsi-a-ge-ya*, eu estou aqui. — A avó começou a massajar-me um círculo suave no meio das costas.

A tosse tinha parado, e eu disse de rajada:

— É egoísta da minha parte, mas estou tão contente por estares aqui. Não quero morrer sozinha.

A avó afastou-me o suficiente para me segurar pelos ombros e me dar um abanão.

— Zoey Redbird, tu não estás a morrer.

As lágrimas correram-me pelas faces. Não liguei e limpei o canto da boca, estendendo os dedos trémulos para que a avó pudesse ver o sangue.

Ela mal olhou para as provas que eu tentava mostrar. Abriu o cesto de piquenique e tirou um guardanapo aos quadrados encarnados e brancos e começou a secar-me as lágrimas e o nariz, tal como fazia quando eu era pequenina.

— Avó, eu sei que gostas de mim mais do que qualquer outra pessoa no mundo — disse eu, a tentar não chorar (em vão). — Mas não podes impedir que o meu corpo rejeite a Mudança.

— Tens razão, *u-we-tsi-a-ge-ya*, eu não posso. Mas eles podem. — A avó apontou com a cabeça para a porta atrás de mim.

Virei-me e vi Tanatos e Lenóbia, Stevie Rae, Dário e Stark — o meu Stark —, todos apinhados à porta. Stevie Rae chorava tanto que até me admirei por não a ter ouvido.

Stark também chorava, mas em silêncio.

— Mas eu disse para não virem atrás de mim! Eu disse que merecia enfrentar as consequências. — Agora já eu chorava como a Stevie Rae.

— Então vive e enfrenta-as! E eu estarei contigo o mais que puder em tudo! — Stark atirou-me as palavras.

— Não posso. Já comecei a rejeitar a Mudança — disse eu, chorosa.

— Filha, a tua avó disse a verdade. A menos que a rejeição da Mudança já esteja destinada, a nossa presença vai impedi-la — disse Tanatos.

— Tu não estás a morrer! Eu não te deixo! — berrou Stark no meio das lágrimas e começou a entrar na cela.

— Alto lá, rapaz! Eu disse que só pode ir um de cada vez para dentro da cela. — Apareceu um homem com a farda de xerife por trás do meu grupo de amigos e pôs-se entre eles e a minha cela. — O Detetive Marx disse-me que eu tinha de deixar os vampyros entrarem se cá aparecessem, mas não vou contornar o regulamento a ponto de a deixar ter mais do que uma visita de cada vez. A avó é da família. O resto pode esperar na sala de interrogatório. — O xerife fez um ar severo a mirar a avó. — Tem quinze minutos. — Depois bateu com a porta.

— Quinze minutos. — A avó fez um barulhinho de desagrado. — Isso nem é uma visita como deve ser. Isso é um ovo cozido. Pois bem, nada de delongas. Zoey, assoa-te e põe-te de pé. Tens de ser defumada. Oh, o cavalheiro que me revistou o cesto fez uma grande trapalhada.

Ela já estava a remexer naquele cesto de piquenique sem fundo; tive de lhe agarrar nas mãos para lhe chamar a atenção ao que eu dizia.

— Avó, eu adoro-te. Tu sabes, não sabes?

— Claro que sei, *u-we-tsi-a-ge-ya*. Eu também te adoro, de todo o coração. Por isso é que tenho de te defumar. Oxalá houvesse aqui

redimiça

uma banheira, ou até um lavatório, para te limpar bem, mas teremos de nos contentar com o defumo. Trabalhei a noite toda e finalmente escolhi defumar com esta concha de ostra que eu e tu desenterrámos quando seguimos o Mississípi até ao golfo, no verão dos teus dez anos. Lembras-te?

— Sim, claro, avó, mas...

— Ótimo. Triturei e misturei sálvia, cedro e alfazema. Combinadas, fazem um defumo potente para purificação emocional e física. — Ela ia deitando ervas secas que tinha numa bolsinha de veludo preto para dentro da ostra. — Também trouxe uma pena de águia e o meu pedaço favorito de turquesa em bruto. Sei que ta podem vir tirar, mas deixa cá tentar escondê-la no colchão. Deve dar para te proteger enquanto...

— Avó, espera, se faz favor — interrompi-a. Fitei-a sem vacilar e continuei: — Eu matei aqueles homens. Não mereço ser purificada nem protegida. Mereço o que me estava a acontecer antes de vocês cá aparecerem.

Não queria soar fria, mas vi as palavras incomodarem-na, e suavizei a voz, mas não a determinação.

— Os vampyros até podem ter feito com que eu não me afogue no meu próprio sangue, mas isso não altera o facto de que eu fiz uma coisa pavorosa, uma coisa pela qual tenho de ser castigada.

Ela parou com os preparativos para o defumo e o seu olhar penetrante encontrou o meu.

— Conta-me, *u-we-tsi-a-ge-ya*, porque é que mataste os dois homens?

Abanei a cabeça e tirei o cabelo emaranhado da cara.

— Não sabia que os tinha matado até o Detetive Marx aparecer na Casa da Noite. Só sabia que me tinham enfurecido; estavam em Woodward Park à procura de gente, especialmente raparigas, a quem meter medo em troca de dinheiro. — Calei-me e tornei a abanar a cabeça. — Mas isso não faz com que o que eu fiz esteja bem. Assim que perceberam quem eu era, eles iam deixar-me em paz.

— E procurar outra vítima.

— Provavelmente, mas não era para matar. Eram mendigos, não eram assassinos em série.

— Então conta-me o que aconteceu. Como é que os mataste?

— Atirei a minha raiva contra eles. Tal como empurrei a Shaylin antes disso e a fiz cair de rabo no chão. Só que no parque eu estava ainda mais fura. Não sei como, mas a Pedra Vidente amplificou os meus sentimentos e deu-me o poder de os atacar a todos.

— Mas tu não mataste a Shaylin — disse a avó com toda a lógica. — Eu vi a menina na Casa da Noite há pouco, antes de vir cá. Pareceu-me bastante vivinha.

— Não, não a matei. Dessa vez, não. Sabe-se lá o que teria acontecido se eu não tivesse zarpado dali e ido parar ao parque, para extravasar a raiva com os tais dois homens? Avó, eu estava descontrolada. Eu era um monstro.

— Zoey, fizeste uma coisa monstruosa, mas isso não faz de ti um monstro. Tu entregaste-te. Tu abdicaste da Pedra Vidente. Deixaste que te prendessem. Não são os atos de um monstro.

— Mas, avó, eu matei dois homens! — Senti as lágrimas nos olhos outra vez.

— E agora terás de enfrentar as consequências dos teus atos, mas isso não significa que tenhas de desistir e causar ainda mais sofrimento às pessoas que te amam.

Com isto, até mordeu o lábio.

— Eu só queria assumir a responsabilidade sozinha para não fazer mal a mais ninguém, muito menos às pessoas de quem gosto.

— Zoeybird, eu não sei porque é que essa coisa pavorosa aconteceu. Eu não acredito que tu sejas uma assassina. — Ela pôs a mão no ar para me impedir de atalhar. — Sim, tenho noção de que morreram dois homens, e que tu pareces responsável por essas mortes. Contudo, até tu admites que a Pedra Vidente teve um papel preponderante no acidente, ou seja, há Magia Antiga nisto.

— Sim, eu tenho-a usado — disse eu com ar sério.

— Ou ela tem-te usado a ti — contrapôs a avó.

— Seja como for, o resultado é o mesmo.

— Para os dois homens. Não necessariamente para ti, *u-we-tsi-a-ge-ya*. Agora, põe-te de pé à minha frente. Tens de desanuviar a mente e purificar o espírito para poderes analisar exatamente o que te trouxe para esta cela. Compreendes, não estou aqui para

redimiça

te ajudar a esconderes-te do que fizeste, estou aqui para que possas enfrentá-lo verdadeiramente.

Como sempre, a avó era a voz da razão e do amor incondicional. Pus-me de pé e permiti-me o pequeno consolo de a ver aninhar a ostra numa mão e, com a outra, deitar um pedacinho de carvão vegetal em cima da mistura de ervas e chegar-lhe o lume. Quando pegou fogo, ela disse:

— Respira fundo três vezes, *u-we-tsi-a-ge-ya*. A cada uma, liberta a energia tóxica que te tolda a mente e te escurece o espírito. Visualiza, Zoeybird. De que cor é?

— Um verde doentio — respondi, a pensar na coisa nojenta que me tinha saído do nariz da última vez que tive um ataque de sinusite.

— Excelente. Expira e imagina-te a livrares-te disso com o ar que soltares.

O carvão já não tinha lume, já estava a ficar só brasa. A avó levou a mão à bolsinha de veludo preto e começou a deitar as ervas para cima do carvão, e a dizer:

— Agradeço-te, espírito da sálvia branca, pela tua força, pela tua pureza, pela tua pujança. — Começou a sair um fumo doce da concha da ostra. — Agradeço-te, espírito do cedro, pela tua natureza divina, pela tua capacidade de criar uma ponte entre a terra e o Outro Mundo.

Saiu mais fumo e eu respirei fundo, uma e outra vez.

— E, como sempre, agradeço-te, espírito da alfazema, pela tua natureza calmante, pela tua capacidade de nos deixares libertar a raiva e acolher a calma. — Depois a avó começou a andar no sentido dos ponteiros do relógio à minha volta, a arrastar os pés num ritmo antigo como o bater do coração que parecia eletrificar o fumo aromático e injetá-lo no meu corpo, conforme ela o dissipava em meu redor com a pena de águia. A voz da avó não perdia pitada da dança, aliada aos movimentos, e fazia eco do sangue dela para o meu. — Para fora com o que for tóxico, verde como a bÍlis. Para dentro com fumo doce, puro e cor de prata.

Concentrei-me enquanto ela me rodeava, deixei-me ir no ritual com a mesma facilidade da minha infância.

— Traz a cura. Traz a purificação. Traz a calma. Verde bÍlis, sai, impureza. Dá lugar à prata e à clareza — continuou a avó a cantar.

Ergui as mãos e orientei o fumo à volta da minha cabeça, concentrando-me na purificação da prata.

— *O-s-da* — disse a avó em *cherokee*, e repetiu: — Ótimo. Estás a recobrar o teu centro.

Eu já me sentia embalada num estado de sonolência e transe pelo fumo e o canto da avó. Pisquei os olhos, como se viesse à superfície depois de um mergulho bem fundo, e arregalei-os de surpresa. Claramente visível no fumo, havia uma luz prateada e cintilante que, como uma bolha, me rodeava a mim e à minha avó.

— Isto é o que estás a projetar agora, *Zoeybird*. Tomou o lugar da Escuridão que estava dentro de ti.

Respirei fundo mais uma vez, sentindo uma leveza espantosa no peito. Desaparecera a pavorosa sensação de desespero que me acompanhava há...

Há quanto tempo?, perguntei-me. Agora que desaparecera, apercebi-me do quanto me tinha sufocado.

A avó estava parada diante de mim. Colocara a concha de ostra ainda fumegante no chão aos nossos pés e depois pegara-me nas mãos.

— Eu não sei tudo. Eu não tenho as respostas que procuras. Não posso fazer mais do que purificar e sarar a tua mente e o teu espírito. Não posso levar-te deste sítio nem alterar o passado que te trouxe aqui. Eu só posso amar-te e recordar-te desta pequena regra com que tentei nortear-me toda a vida: não posso controlar os outros. Só posso controlar-me a mim e às minhas reações aos outros. Quando tudo o resto desaba, eu escolho a bondade. Mostro compaixão. Assim, se tiver feito más escolhas, pelo menos não lesei o meu espírito.

— Eu errei nisso, avó.

— Erraste, pretérito perfeito, e deves deixar esse erro no passado onde ele pertence. Aprende com os erros e passa à frente. Não erres outra vez, *u-we-tsi-a-ge-ya*. Significa isto que, se tiveres de ser julgada e se fores para a prisão por causa desta coisa pavorosa que aconteceu, o farás dizendo a verdade e agindo com compaixão, como faria uma Sumo-Sacerdotisa da tua Deusa.

— Não devia hostilizar as pessoas que gostam de mim. — Não era uma pergunta, mas a avó deu-me resposta mesmo assim.

redimiça

— Hostilizar aqueles que te amam e que só querem o teu bem seria típico de uma criança e não de uma Sumo-Sacerdotisa.

— Avó, achas que Nyx ainda me quer para sua Sumo-Sacerdotisa?

A avó sorriu.

— Acho, mas o que eu penso não importa. O que crês tu da tua Deusa, Zoey? Será frívola a ponto de te amar e depois descartar facilmente?

— Não estou a questionar Nyx, mas a mim mesma — tive de admitir.

— Então deves buscar resposta em ti. Agarra-te bem ao teu centro. — A avó pegou na pedra de turquesa que trouxera no cesto de piquenique e pô-la na minha mão. — Tu usaste a Pedra Vidente para concentrar os teus poderes, quer o quisesses, quer não. Agora penso que deves encontrar um foco dentro de ti; tal como a turquesa tem o seu poder protetor, também tu tens de encontrar o teu poder, dentro de ti. Desta vez não procures na raiva, Zoeybird. Procura na compaixão e no amor.

— Sempre amor — terminei por ela, e peguei na pedra que senti macia na minha mão.

— Agarra-te bem ao teu eu verdadeiro como te agarras a esta pedra, e não te esqueças de que eu creio sempre que tu és mais forte, mais sábia e mais bondosa do que sabes ser.

Pus os braços à volta da avó e abracei-a com força.

— Adoro-te, avó. Vou adorar-te sempre.

— Como eu também te vou adorar sempre.

— Acabou o tempo! — A voz do guarda fez-me largar a avó com relutância. — Então, o que é que se passa aqui? O que está para aí a queimar?

A avó virou-se para ele, sorriu e, na sua voz mais doce, disse:

— Nada com que tenha de se ralar, meu caro. Apenas limpar e purificar. Gosta de bolachas com bocadinhos de chocolate? Tenho um ingrediente secreto que faz das minhas irresistíveis, e calhou ter aqui uma dúzia dentro do cesto. — A dar-lhe palmadinhas no braço, a avó tirou o guarda da porta, com um prato de papel cheio de bolachas do seu cesto mágico e a piscar-me o olho por cima do ombro. — Agora, meu caro, e se formos buscar-lhe um café para acompanhar, enquanto

manda aquele jovem vampyro simpático chamado Stark visitar a minha neta?

Stark!

Sentei-me na cama, a ajeitar nervosamente a roupa e a tentar pentear com os dedos o cabelo completamente louco. Quando o vi à porta, esqueci-me do mau aspeto que eu só podia ter. Esqueci-me de tudo tirando da alegria que sentia ao vê-lo.

— Posso entrar? — perguntou ele, hesitante.

Assenti com a cabeça.

Ele não demorou tempo nenhum a dar aqueles seis passos até mim. Eu também não podia esperar nem mais um segundo. Assim que chegou ao meu alcance, abracei-o e enterrei a cara no ombro dele.

— Tenho tanta pena! Não me odeies, por favor não me odeies!

— Como é que poderia odiar-te? — Ele apertava-me tanto que até me custava a respirar, mas eu queria lá saber. — Tu és a minha Rainha, a minha Sumo-Sacerdotisa, e o meu amor, o meu único amor. — Stark largou-me só um pouco para me poder fitar. — Não podes suicidar-te. Eu não conseguiria sobreviver, Zoey. Juro que não.

Ele tinha olheiras e as tatuagens de vampyro vermelho pareciam especialmente cintilantes na palidez invulgar da sua pele. Parecia ter envelhecido uma década num único dia.

Detestei aquele ar cansado e doente. Detestei ser a causadora.

Fitei bem aqueles olhos e falei com toda a bondade e compaixão que consegui reunir dentro de mim.

— Foi um erro. Não voltará a acontecer. Desculpa ter-te feito passar por isso... desculpa fazer-te passar por tudo isto. — E aponte para a cela da cadeia.

Ele tocou-me na face devagar, quase com reverência.

— Onde tu fores, eu vou. Estamos vinculados pelo juramento nesta vida e mais além, Zoey Redbird. E tudo isto será suportável se nos tivermos um ao outro. Ainda nos temos um ao outro?

— Temos. — Dei-lhe um beijo, longo e intenso. Achei que o consolava a ele mas vi que era o toque dele, o sabor dele, o amor dele que me consolava a mim.

Foi nesse momento que compreendi verdadeiramente o quanto amava o Stark.

redimiça

— Vês — disse ele, a cobrir-me o rosto com beijinhos rápidos e a limpar as lágrimas que me caíam pelas faces. — Já está tudo melhor. Vai correr tudo bem.

Não lhe quis dizer que não sabia bem se alguma coisa viria a correr bem mais alguma vez. Não teria sido compassivo da minha parte. Em contrapartida, levei-o para a minha cama dura e estreita. Sentámo-nos e aninhei-me nele, descansando na curva do seu braço.

— Vamos fazer turnos a ficar aqui para que não comeces a rejeitar a Mudança outra vez. A partir de hoje ficará sempre um vampyro à tua porta — começou Stark a explicar baixinho enquanto me abraçava com força. — Vão pôr uma cama de campanha no corredor.

— A sério? Vais ficar assim perto de mim?

— Pois, o Detetive Marx obrigou-os a deixar-me. Ele é realmente bom tipo. Disse ao chefe da polícia que não deixar um vampyro ficar contigo seria como dar uma lâmina a um prisioneiro humano e depois fazer vista grossa ao que acontecesse. Disse que era desumano e que, por te teres entregado, tinhas os mesmos direitos que eles.

— Foi simpático. — De repente, apercebi-me das horas que deviam ser, meio do dia, pelo menos. — Espera lá, tu não devias estar aqui. Lá fora é de dia. — Sentei-me direita e comecei a examiná-lo, à procura de queimaduras.

Ele sorriu.

— Estou bem. A Stevie Rae também. Viemos na bagageira da carrinha da escola; tu sabes, a que não tem janelas.

Assenti com a cabeça e sorri.

— A carrinha Chester Que Molesta.

— Pois eu agora só ando assim. — O sorriso dele ficou fanfarrão. — O Marx deixou-me entrar para o parque coberto ao lado do edifício. Não apanhámos luz do Sol nenhuma.

— Pois, tem cuidado, está bem?

Com isto, ele ergueu o sobrolho.

— Ai sim? *Tu* estás a dizer-me para ter cuidado?

— A pedir, estou a pedir — corrigi, a lembrar-me da bondade. Ele riu-se e abraçou-me.

— Zoey Redbird, tu és uma maluca toda boa, e eu adoro-te.

— Eu também te adoro.

Cedo de mais, ele largou-me e vi toldar-se-lhe o semblante.

— Está bem, quero que me contes tudo. Já sei que te passaste com os dois humanos e atiraste uma espécie de poder para cima deles, mas preciso de pormenores.

— Stark, não podemos só... — comecei, pois não queria perder um segundo de estar com ele a falar do erro pavoroso que eu tinha cometido, mas ele interrompeu-me.

— Não, não podemos simplesmente ignorar. Zoey, tu és muitas coisas, mas não és assassina.

— Mandei dois homens contra uma parede, e morreram. Isso faz de mim uma assassina, Stark.

— Mas estás a ver, eu tenho problemas com isso. Acho que isso faz da tua Pedra Vidente uma assassina. Por isso é que a deste à Afrodite, não foi? Porque canalizou a tua raiva para os tais dois tipos.

Eu tinha aberto a boca para começar a explicar-lhe o que nem eu compreendia, mas ouvi passos no corredor. O guarda, muito corado e assarapantado, apareceu à porta.

— Vamos embora, vamos embora! Tem de sair agora, já! — disse ele ao Stark, a apontar com gestos tresloucados. — Um dos vampyros pode ficar, mas tem de ser aqui no corredor. O resto tem de se ir embora. Voltem lá para donde vieram.

— Espere lá, ainda nem passaram cinco minutos, quanto mais quinze — disse o Stark.

— Não posso nada contra isso. Vai ficar tudo trancado. Há uma emergência na baixa.

Fui atrás de Stark até à porta, a sentir como que um cubo de gelo a descer-me pela espinha.

— Na baixa onde? O que se passa? — perguntei.

— É o inferno na Terra no edifício Mayo, precisam de todos os agentes que possam convocar.

A porta da cela fechou-se, e eu e Stark ficámos a olhar um para o outro pelas barras.

— Neferet — disse Stark.

— Raios me partam — disse eu, pois concordava plenamente.

redimiça



TERCEIRO CAPÍTULO

Neferet

Era meio da manhã de um domingo sonolento quando Neferet mandou os tentáculos de Escuridão abrirem o seu amplexo e deixarem-na sair da sua espessa nuvem de sangue e morte para o passeio em frente ao edifício Mayo. Neferet alisou o fato branco *Armani* e sacudiu o cabelo comprido e avermelhado. Estava pronta para um regresso glorioso à suite que a esperava no meio de mármore, pedras e veludos no último andar. Abriu a porta clássica de latão e vidro e depois parou do lado de dentro, a suspirar de contente para o amplo salão de baile que se abria à sua frente, resplandecente de mármore branco, colunas esculturais, retoques grandiosos estilo anos 20, e uma escadaria dupla que curvava até ao terraço, com a graciosidade do sorriso satisfeito de uma deusa.

As sobancelhas escuras ergueram-se. O olhar verde-esmeralda coruscou. Neferet estudou o ambiente com renovado interesse.

— É de facto um edifício magnífico e digno de ser o templo de uma deusa. — Neferet sorriu. — O *meu* templo. A *minha* casa.

— Dona Neferet? É mesmo a senhora? Temos estado tão ralados que alguma coisa lhe tivesse acontecido quando a suite foi vandalizada.

Neferet desviou o olhar do grande salão de baile para a jovem que lhe sorria atrás do balcão da portaria.

— O meu templo. A minha casa. *Os meus suplicantes*. — Sabia muito bem o que tinha de fazer. Porque é que tinha demorado tanto

tempo a pensar nisso? Possivelmente, porque nunca tinha absorvido tantas mortes de uma só vez como fizera momentos antes de chegar ao edifício Mayo. Como os tentáculos fiéis, Neferet latejava de poder, e esse poder focou e clarificou-lhe o raciocínio.

— Sim, é exatamente como deve ser. Cada humano neste edifício me deve prestar culto.

— Desculpe, minha senhora. Não compreendo o que diz.

— Mas irás compreender. Em breve, irás compreender. — O sorriso radioso da rececionista tinha começado a desvanecer-se. Com movimentos sobrenaturais, Neferet avançou para ela a deslizar. Olhou para o crachá dourado com o nome da rapariga. — Sim, Kylee, caríssima. Em breve irás compreender-me por completo. Mas primeiro vais dizer-me quantos hóspedes estão atualmente no hotel.

— Desculpe, minha senhora — disse Kylee, com um ar completamente confrangido. — Não posso dar essas informações. Talvez se me dissesse do que precisa...

Neferet debruçou-se, a passar a mão pelo mármore rico do balcão, interrompendo a rapariga e capturando-lhe o olhar.

— Não admito réplica. Não irás questionar-me nunca. Farás o que te mando.

— D-Desculpe, minha senhora. Não era para ofender, mas as informações sobre os hóspedes do hotel são confidenciais. A nossa... a nossa p-política de privacidade é uma das coisas em que somos mais diligentes — gaguejou a rapariga, as mãos a tremerem nervosamente quando agarrou na corrente de ouro com uma cruz que trazia ao pescoço.

Mesmo que Neferet não fosse vidente, teria percebido a extensão do medo da rapariga — Kylee tresandava a medo.

— Excelente! Agora que vais obedecer às minhas ordens, conto que sejas ainda mais vigilante quanto à privacidade, *a minha privacidade*.

— Desculpe, minha senhora. Quer dizer que a senhora adquiriu o Hotel Mayo? — A confusão de Kylee intensificava-se junto com o medo.

— Oh, muito melhor do que isso, e muito mais permanente. Decidi fazer deste belo edifício o meu primeiro templo. Mas não

redimiça

acabei de ordenar que nunca me questionasses? — Neferet suspirou e fez estalinhos com a língua. — Kylee, terás de ser muito melhor de futuro. Mas não canses essa cabecita loura. Eu sou uma Deusa benevolente. Tenciono que tenhas a assistência necessária para seres a minha suplicante perfeita.

Enquanto Kylee abria e fechava a boca como um peixe fora de água, Neferet virou costas e encarou o mar de tentáculos que, invisíveis à tola da Kylee, rebentava em ondas no chão de mármore e molhava as pernas dela numa carícia.

— Filhos, todos se cevaram muitíssimo bem. Agora é altura de me recompensarem pelo manjar que lhes proporcionei. — Os tentáculos contorceram-se de excitação, um ninho de víboras a acasalar, e Neferet sorriu-lhes afetuosamente. — Sim, já lhes prestei juramento. Foi apenas o princípio do nosso banquete, mas têm de trabalhar para comer. Recuso-me a ter filhos ateus. — Neferet riu-se alegremente. — Agora, preciso que um de vós possua esta humana. Não! Não podem matá-la — esclareceu Neferet quando uma dezena de tentáculos começou a rastejar com um fito excitado e óbvio na direção de Kylee. — Sigam a minha mente até à dela. Usem o meu caminho até aos seus pensamentos, desejos, vontades mais íntimos, e depois enrolem-se lá, à volta do arbítrio dela, e apertem. Não a ponto de a matarem, nem de lhe tirarem o que ela tiver à guisa de discernimento. Não terei um templo cheio de idiotas a babarem-se, mas sim um templo cheio de servos obedientes. Possuam-na, para que eu possa ter a certeza da sua obediência!

Neferet girou nos calcanhares até ficar de frente para a rapariga, cujo rosto empalidecera de tal modo que os olhos castanhos mais pareciam hematomas.

— Dona Neferet, não me faça mal! — rogou ela, e começou a chorar.

— Kylee, caríssima, minha primeira suplicante humana, isto é realmente para teu bem. O livre-arbítrio é um fardo terrível. Eu tinha livre-arbítrio quando era rapariga, pouco mais nova do que tu, e estava presa a uma vida que não escolhi e fui violentada. Acontece com demasiada frequência aos humanos. Olha só para ti: este emprego medíocre, esta roupa vulgar. Não queres mais da vida?

— S-Sim — respondeu Kylee.

— Pois bem, está decidido. Se eu te tirar o livre-arbítrio, também tiro os terrores inesperados que a vida pode trazer. A partir deste momento, Kylee, irei proteger-te de terrores inesperados. — Neferet capturou o olhar arregalado da rapariga e entrou-lhe na mente como uma verruma. Estava tão concentrada que nem olhou para baixo, mas sabia que um tentáculo forte e fiel lhe tinha obedecido e rastejava pelo corpo da rapariga. Embora não conseguisse ver o que lhe subia pela perna, Kylee sentia. Abriu a boca e começou a gritar. — Acabem-lhe com o terror e entrem nela! — ordenou Neferet, e o tentáculo disparou rumo à boca aberta da rapariga.

Kylee engasgou-se convulsivamente, e só o torno com que Neferet lhe segurava a mente a impediu de desmaiar.

— Tão humana. Tão fraca — resmungou a Deusa enquanto sondava a mente da rapariga, sentindo a presença familiar da Escuridão a segui-la. Quando encontrou o centro do arbítrio de Kylee — a sua alma, a sua consciência —, Neferet ordenou: — Cerquem-na! — Com um sentido adicional, que lhe tinha sido concedido por outra Deusa mais de um século antes, Neferet viu a Escuridão aprisionar o arbítrio de Kylee.

A rapariga soçobrou, o corpo a mexer-se espasmodicamente.

— Lembrem-se bem do caminho que acabei de lhes mostrar, filhos. Kylee é apenas a primeira de muitas. — Neferet bateu as palmas rapidamente. — Vamos lá, Kylee. Recompõe-te, caríssima. A tua vida acabou de ficar tão *mais*, e eu tenho outras ordens a que deves obedecer.

Kylee endireitou-se como se fosse uma marioneta.

— Pronto, muito melhor. Agora, diz-me quantos hóspedes tem o hotel e, não te esqueças, basta de gritarias irritantes.

— Sim, senhora — respondeu Kylee, instantânea e mecanicamente.

O sorriso de Neferet voltou. Estava a transbordar de poder! Os humanos devem prestar-lhe culto — com o seu débil arbítrio e as suas mentes facilmente manipuláveis, não tinham realmente alternativa.

— E basta de me tratar por senhora. Chama-me Deusa.

— Sim, Deusa — repetiu Kylee de imediato, a voz completamente desprovida de emoção. Depois começou a tamborilar no teclado enquanto olhava, de rosto impassível, para o monitor. — Temos atualmente setenta e dois hóspedes, Deusa.

redimiça

— Muito bem, Kylee. E quantos residentes?

— Cinquenta.

Neferet estendeu um dedo comprido e virou o queixo de Kylee para que ela a olhasse nos olhos outra vez.

— Cinquenta quê?

Kylee estremeceu, como um cavalo a enxotar insetos, mas o olhar continuou aberto, inexpressivo, e ela emendou-se logo dizendo:

— Cinquenta, Deusa.

— Muitíssimo bem, Kylee. Vou agora retirar-me para a minha suite. Não te esqueças, este edifício agora é o meu templo, e eu insisto em ter a minha privacidade, bem como o meu corpo divino, protegidos. Fiz-me entender?

— Sim, Deusa.

— Fiz-me entender em como se alguém vier à minha procura, tu dizes ter a certeza absoluta de que *não* estou cá, e depois manda-los embora?

— Sim, Deusa.

— Kylee, tens sido muito útil. Vou permitir que vivas o suficiente para me prestares o devido culto.

— Obrigada, Deusa.

— Não tens de quê, caríssima.

Neferet começou a deslizar na direção do elevador rutilante, erguendo uma mão, a chamar:

— Venham, meus filhos. Tenho o pressentimento de que será necessária uma remodelação.

Inchados e a latejarem do sangue com que se tinham cevado tão pouco tempo antes, os tentáculos de Escuridão rastejaram atrás da sua dona.

— Tal como eu pensava. Ficou tudo em ruínas! É completamente inaceitável.

Neferet andava a pisar tudo à roda das cadeiras viradas ao contrário e dos tapetes manchados da sala que outrora fora uma suite de luxo meticulosamente aprumada. — Sangue cediço! A sala tresanda. Limpem-na! — ordenou. Os tentáculos obedeceram, embora mais

devagar do que tinham feito quando a refeição oferecida estava fresca. — Ora, deixem-se de esquisitices. Algum desse sangue é de Kalona. Mesmo cediço, sangue imortal tem sempre poder. — Com isto, os tentáculos ficaram mais espevitados, e rastejaram com mais entusiasmo.

Enquanto trabalhavam, Neferet foi ao bar mas encontrou tudo vazio. Nem uma garrafa do seu *cabernet* escuro e caríssimo.

— É o que acontece quando não estou cá para mandar nestes humanos indolentes: faltam às suas obrigações. Não tenho vinho e a minha suite está toda escaqueirada! — O olhar irritado de Neferet encontrou o monte disperso de pó de turquesa que se esvaíra da jaula de Escuridão em que os tentáculos tinham encerrado a entediante e teimosa Sylvia Redbird. — E aquilo! Livrem-se daquele horrível pó azul. Estraga a beleza do chão de mármore ónix ainda mais do que os tapetes persas manchados. — Vários tentáculos avançaram para obedecer a esta ordem, mas encolheram-se diante da poeira azul, como se ainda tivesse o poder de os repelir. O mais arrojado dos tentáculos rastejantes apanhou a poeira como uma concha, mas tremeu e largou tudo, a carne lisa e esponjosa a fumar e a deitar um líquido escuro e fétido. Neferet franziu o sobrolho e fez sinal ao tentáculo. Com uma unha bem afiada, abriu um lenho na palma da própria mão. — Vem, bebe de mim e sara — murmurou, a acolher o toque frio e doloroso da boca do tentáculo, afagando-o afetuosamente enquanto ele bebia e tremia com o toque dela.

— Isto assim não dá. Limpar a porcaria dos humanos é trabalho indigno dos meus filhos leais. Suplicantes humanos para limparem as porcarias humanas, é disso que eu preciso a rodear-me, a obedecer-me, a aliviar-me a carga. Felizmente, temos mais de uma centena debaixo deste mesmo teto. Todos, à exceção da tão solícita Kylee, completamente alheios à azáfama em que se verão dentro em breve. Hum... qual será a melhor maneira de iniciar os meus novos súbditos?

Neferet sacudiu o tentáculo.

— Não sejas voraz. Já saraste. — O tentáculo sumiu-se. Neferet acariciou o seu pescoço longo e esbelto, a pensar. Tinha de ponderar na melhor maneira de avançar, e tinha de agir depressa.

Não deixara viva alma na Boston Avenue Church, apenas várias centenas de corpos mutilados e exangues.

redimiça

— As autoridades irão à Casa da Noite primeiro, claro. Tanatos insistirá que ninguém do seu rebanho imaculado faria semelhante coisa, jamais. A velha há de culpar-me. Quer acreditem, quer não, até os ineptos da polícia local acabarão por vir aqui procurar-me. — Neferet tamborilava com as unhas longas e pontiagudas no balcão de mármore preto da desilusão que era o bar vazio. Não dispunha do luxo do tempo, a menos que quisesse esconder-se.

— Não, nunca mais me esconderei. Eu sou uma Deusa, eu sou imortal, dotada da capacidade de mandar na Escuridão. Nyx nunca me compreendeu. Kalona nunca me compreendeu. Nunca ninguém me compreendeu. Agora farei com que me compreendam, farei com que todos me compreendam! Os residentes de Tulsa é que devem esconder-se de mim, e não eu deles.

Devia agir rápida e decisivamente, antes que a polícia chegasse para tentar, em vão, detê-la — ou antes que o banquete na igreja desse nos noticiários e começasse a afugentar os hóspedes do Mayo: seus futuros suplicantes.

Neferet encontrou o telecomando e ligou a televisão de ecrã plano montada na parede e, sorte sua, incólume depois da batalha. Procurou uma estação local, tirou o som e começou a andar de um lado para o outro, a pensar em voz alta, mas sempre de olho no ecrã.

— É uma pena que eu não possa enjaular os humanos como fiz à velhota, e depois soltá-los quando quiser que me prestem culto ou me sirvam. Seria muito mais fácil para eles e, em derradeira e mais importante instância, para mim. Apostaria bom dinheiro em como nem um deles daria a luta que Sylvia Redbird deu. Os humanos normais nunca poderiam entrar nem sair de uma jaula de Escuridão criada por vós, meus queridos. Pelo que vi até agora, os meus humanos são *extremamente* normais. — Neferet parou abruptamente, a refletir. — *Os meus suplicantes são humanos normais. Tulsa está cheia de humanos normais. E eu fiz-me muito mais do que uma humana ou uma vampyra normal.*

Absorta, Neferet afagou um tentáculo que se lhe enrolara num braço.

— Eu não estaria a aprisionar os humanos aqui. Estaria a protegê-los, a deixá-los trocarem o tédio das suas vidas pela satisfação de me prestarem culto, tal como fiz com Kylee. — Neferet acariciou o

tentáculo macio enquanto este se contorcia de prazer. — Não preciso de os enjaular. Preciso de os aplaudir!

Neferet abriu os braços e brindou os seus lacaios da Escuridão com um sorriso magnificamente belo e aterrorizador.

— Tenho resposta para o nosso dilema, filhos! A jaula que criámos para reter a Redbird foi uma tentativa fraca e patética de cárcere. Aprendi tanto desde essa noite. Ganhei tanto poder... *nós* ganhámos tanto poder. Não iremos encarcerar as pessoas, como se eu fosse carcereira e não Deusa. Meus filhos, nós vamos cobrir as paredes do meu Templo com os vossos tentáculos mágicos e inquebrantáveis para que os meus novos suplicantes me possam prestar culto sem empecilhos. E isso será apenas o começo. Conforme vou absorvendo mais e mais poder, porque não cercar a cidade inteira? Agora já sei — já sei o meu destino. Começo o meu reinado de Deusa da Escuridão fazendo de Tulsa o meu Olimpo! Só que este não é um mito fraco transmitido em histórias corriqueiras de alunos para alunos. Isto será a realidade, um Outro Mundo de Escuridão que desceu à Terra! E no meu Outro Mundo de Escuridão, não haverá inocentes a serem maltratados por predadores. Contarão todos com a minha proteção. Tenho a sua sina nas minhas mãos, só precisam de zelar pelo meu bem-estar para se realizarem como gente. Ah, o quanto me vão idolatrar!

Ao seu redor, os tentáculos contorceram-se em resposta ao entusiasmo dela. Ela sorriu e afagou os que estavam mais próximos.

— Sim, sim, eu sei. Será glorioso, mas do que preciso primeiro, meus filhos, é de serviço de quartos. Convoquemos os meus novos lacaios. Uns irão limpar e arrumar os meus aposentos. Outros irão reabastecer o meu bar. Todos me irão obedecer sem réplica. Preparem-se. Chegou a hora de Neferet, Deusa da Escuridão!

Correu melhor do que Neferet poderia ter imaginado. Os humanos foram fáceis de controlar e, como se não bastasse, também estavam indefesos como a pequena Kylee contra a infestação de um único tentáculo da Escuridão. Ela tinha toda a razão. Precisavam dela para lhes orientar a vida como um bebé precisa da mãe.

O único problema no plano era Neferet não ter acesso a um

redimiça

número infinito de tentáculos. Apenas os mais leais, os seus verdadeiros filhos, tinham permanecido a seu lado depois de ela se estilhaçar.

Ainda pensou em conjurar mais tentáculos de Escuridão, mas rejeitou a ideia com a mesma rapidez com que lhe ocorrera. Não iria recompensar a traição — e os tentáculos que a tinham abandonado, quando mais deles precisava, tinham-na atraído no mais fundo do seu ser.

Neferet bebericava o seu *cabernet* favorito numa taça de cristal enquanto percorria a suite, a contar os humanos que limpavam e arrumavam laboriosamente a trapalhada que Zoey e os amigos tinham deixado. Seis. Quatro mulheres do serviço de pisos e dois homens do serviço de quartos. Os lábios de Neferet curvaram-se para cima. Aliás, mal passavam de rapazes — os dois louros e ansiosos por atender ao pedido dela de serviço de quartos. Ao sair do elevador, os semblantes deles tinham-lhe revelado os pensamentos com tal clareza que ela nem se tinha ralado a sondar-lhes a mente. Desejavam-na. Muitíssimo. Estavam obviamente na esperança de que ela quisesse um pouco de sangue e sexo com o vinho. Tolos! Agora mexiam-se mecanicamente, obedeciam às ordens que ela dera sem queixumes, sem ralações, sem olhares namoradeiros irritantes. Eles eram, tal como ela preferia os homens humanos, caladinhos, dóceis e jovens.

— Cavalheiros, a vida é gloriosa, não lhes parece?

As duas cabeças louras levantaram-se e viraram-se na direção dela.

— Sim, Deusa. — Falaram em uníssono, como que a declamarem. Neferet sorriu.

— Como eu costumo dizer, o livre-arbítrio é um fardo terrível. Não têm de me agradecer por tê-los livrado dele. — Depois ordenou: — Voltem ao trabalho.

— Obrigado, Deusa. Sim, Deusa — repetiram eles, e obedeceram.

Por conseguinte, ela já gastara seis tentáculos. Não, sete, contando com a pequena Kylee na portaria. Neferet olhou contemplativamente para o ninho de tentáculos onde mais pareciam um enxame à volta das portas partidas que davam para o terraço, a absorverem o que restava do sangue seco de Kalona. Quantos eram? Ela tentou contar, mas era impossível. Mexiam-se muito depressa, não paravam quietos, e gostavam de se fundir e depois cindir quando lhes apetecia. Mas parecia

haver bastantes, e todos tinham ficado maiores, mais grossos, marcadamente mais fortes, depois de se cevarem.

Devo garantir que continuem bem nutridos. Não podem definharem — ou também definharia o meu controlo absoluto sobre os humanos.

Decisivamente, Neferet pegou no telefone e marcou zero para a portaria.

— Portaria. Em que posso ajudar, Neferet? — A voz espreitada de Kylee atendeu ao primeiro toque.

— Kylee, quando eu ligo, a maneira correta de atender o telefone é a dizer: “Em que posso servir-te, Deusa?”

A voz de Kylee ficou inexpressiva e, sem emoção alguma, respondeu:

— Em que posso servir-te, Deusa?

— Muito bem, Kylee. Aprendes rápido. Preciso de saber quantos efetivos estão hoje a trabalhar no meu templo.

— Seis empregadas de quartos, dois bagageiros, quatro do serviço de quartos, e eu. A Rachel devia estar na portaria comigo, mas deu parte de doente.

— Coitadinha da Rachel, mas assim fico com o treze da sorte nos meus efetivos. Claro que isso não conta com o restaurante. Está aberto hoje?

— Sim, estamos abertos para o *brunch* até às duas da tarde todos os domingos.

— E quantos efetivos estão hoje?

Kylee calou-se e depois começou a enumerar.

— O cozinheiro principal, o cozinheiro ajudante, outro cozinheiro da linha, o empregado de bar, que também é o gerente, e três empregadas de mesa.

— Um total de vinte. Eis o que vais fazer, Kylee. Fecha o restaurante imediatamente, mas *não* deixes os empregados saírem. Diz-lhes que houve mudanças na gerência do hotel e que a nova dona convocou uma reunião de todo o pessoal.

— Farei o que mandas, Deusa, mas o restaurante não pertence aos Snyders.

— Quem são os Snyders?

redimiça

— A família que comprou e remodelou o edifício Mayo em 2001. São os proprietários.

— Correção, caríssima Kylee, *eram* os proprietários do edifício conhecido como Hotel Mayo. *Eu* controlo o templo em que ele se tornou. Não importa. Tudo ficará claríssimo muito em breve. Neste momento só preciso que reúnas todos os efetivos, restaurante e hotel, e que os mandes à minha suite daqui a trinta minutos. Mais tarde, vou descartar o termo reunião de pessoal e chamar-lhe o que passará a ser na verdade: uma oportunidade de prestar culto à vossa Deusa. Não soa muito mais apetecível do que reunião de pessoal?

— Sim, Deusa — repetiu Kylee.

— Excelente, Kylee. Encontramo-nos e ao resto dos meus suplicantes daqui a trinta minutos.

— Deusa, não posso deixar a portaria sem ninguém. O que acontece se alguém tentar dar entrada ou dar saída?

— A resposta é simples, Kylee. Tranca as portas todas por onde se pode entrar ou sair do meu templo, e depois vem ter comigo e traz as chaves.

— Sim, Deusa.

Neferet iria precisar de outro sítio onde receber as súplicas dos seus súbditos. A suite era demasiado íntima para tantos humanos. Não obstante, por agora teria de servir. Ela posicionara-se do lado de dentro das portas de vitral que se tinham escaqueirado, agora substituídas por um dos rapazes louros. Apagara todas as luzes berrantes e mandara as empregadas de pisos trazer velas para os seus aposentos. Velas e círios cobriam o bar de granito, o lintel da lareira, a mesa de café de mármore ao estilo Art Déco, e a grande mesa de jantar de madeira. Também mandara que os candeeiros de cada lado das portas ficassem sem as lâmpadas encandeantes, substituídas pela luz trémula e cálida de duas velas altas e brancas. Neferet tomou nota mentalmente de mandar um dos lacaios buscar mais velas — muito, muito mais velas.

O olhar de Neferet varreu a suite, e agradou-lhe o que viu. Estava tudo muito melhor, e ela deleitava-se muitíssimo com a segunda garrafa de *cabernet*, a pensar no quanto gozaria mais tarde, em privado,

quando um dos suplicantes se oferecesse para misturar nela o seu sangue.

Neferet vestira-se com aprumo, contente por não lhe terem estragado a roupa na sua ausência. Escolheu um roupão de seda que se lhe agarrava ao corpo como se a acariciasse. Como de costume, Neferet deixou o cabelo avermelhado e denso cair-lhe numa cascata lustrosa à volta da cintura. Não se enfeitou com símbolo algum de qualquer outra Deusa. Nunca mais seriam permitidas na sua pessoa imagens prateadas e bordadas de mãos erguidas — ela arrancara o último desses fios com as próprias mãos.

Neferet tinha um símbolo novo. Ponderara nele com toda a atenção, e estava ansiosa que um dos seus suplicantes encomendasse a peça personalizada na joalheria Moody's e lhe fizesse a “surpresa” de lhe oferecer um rubi de seis quilates em forma de lágrima perfeita. Ela seria efusiva na gratidão e usá-lo-ia sempre numa corrente de ouro maciço.

Iria ser, de facto, muito bom ser Deusa da Escuridão — Deusa de Tulsa — Deusa do Caos.

Ouviu-se o elevador.

— Filhos, a mim! — Os tentáculos de Escuridão acorreram a ela, rodearam-na, lamberam-lhe os pés nus com a sua frialdade reconfortante. — Oh, meus suplicantes, podem voltar à minha presença — chamou ela por cima do ombro, para o sítio aonde mandara os servos até lhe apetecer dar-lhes ordens outra vez. Passaram por ela a arrastar os pés, mesmo quando as portas do elevador se abriram, e Kylee levou o resto do pessoal para dentro da suite.

— Bem-vindos! — Neferet ergueu o copo e os braços. — Sois abençoados por estar na minha presença.

Quase todos pareciam confusos. Duas mulheres, com farda de empregada de mesa, perguntaram qualquer coisa uma à outra num murmúrio. Os olhos acutilantes de Neferet não perderam pitada. Um dos homens, o que tinha o chapéu alto e branco de chefe cozinheiro, falou.

— Sabe dizer-nos o que se passa aqui? Tivemos de fechar o restaurante e mandar embora os comensais, embora ainda não tivessem terminado o *brunch*. Eu sei dizer-lhe que há certos *ex-comensais* bastante indignados agora.

redimiça

— Como te chamas? — perguntou Neferet, ainda em voz agradável.

— Tony Witherby, mas as pessoas tratam-me por *Chef*.

— Bem, Tony, eu não sou as pessoas. Compreendes, *as pessoas* tratam-me por Deusa.

Ele desatou numa risada condescendente.

— Está a gozar, não está? Quer dizer, eu vejo-lhe as tatuagens e sei que é vampyra e tudo, mas as vampyras não são deusas.

Agradou a Neferet ver que Kylee se tinha afastado do *chef* como se não quisesse ser contaminada por aquela desobediência. Kylee estava mesmo a fazer-se uma excelente suplicante.

Neferet não desperdiçou sequer um olhar para o *chef*. Antes pelo contrário, sorriu para baixo, para os seus filhos que se contorciam.

— Tão ávidos — disse, meio a ralar, meio a encorajar. — Tão espertos. — Começou a afagar um tentáculo particularmente precoce que se lhe enrolara na perna e rastejara quase até à coxa. — Tu serves.

— Pronto, ou nos conta qual é a piada ou vou chamar o dono do restaurante — disse o *chef*. Como ela continuava a não lhe ligar, ele começou a refilar: — Isto é realmente uma parvoíce...

— Prende-o! — ordenou Neferet. — E deixa-te ver.

O tentáculo ficou visível quando se atirou ao *chef* cozinheiro. Era tão grande que facilmente se lhe enrolou na cintura grossa, e começou logo a subir.

— Mas que raio? Tire-me isto de cima! — guinchou o *chef*, e cambaleou para trás, a bater no tentáculo com as duas mãos sapudas, mas em vão.

Neferet achou que ele mais parecia uma rapariguinha que apanhara um susto com uma aranha.

Um negro alto e bem-parecido, com farda de bagageiro, avançou em socorro do *chef*.

— Fica onde estás ou a tua sina será a mesma! — estalou Neferet.

O homem imobilizou-se.

— Nãããão! — Os guinchos do cozinheiro ecoavam de histeria, e Neferet ficou aliviada quando, nesse momento, o tentáculo lhe subiu pelo pescoço e lhe entrou na boca, a fez abrir-se tanto que os cantos dos lábios rebentaram e começaram a sangrar, antes de toda a envergadura

desaparecer dentro do corpo do humano. O cozinheiro caiu no chão como uma pilha de ossos disforme.

— Parece-me infeliz que um homem crescido pareça uma rapariguinha assustada, não é?

Os humanos que não estavam possuídos pelos filhos dela fitavam-na com expressões de horror e descrença. As empregadas de mesa que tinham bichanado agora choramingavam. Outra mulher, uma das empregadas de quartos que não respondera antes à convocatória de Neferet, rezava em espanhol e agarrava na cruz que lhe pendia do pescoço num colar prateado com ar de pechisbeque. O grupo inteiro, tirando o equivocado Tony, retrocedia, como uma manada, para as portas do elevador.

— Não — disse Neferet em tom ligeiro. — Não podem sair enquanto eu não deixar.

— Também nos vai matar? — perguntou uma das mulheres, de mãos dadas com uma amiga e a tremer convulsivamente.

— Matar? Claro que não. O Tony não morreu. — Neferet dirigiu a palavra ao cozinheiro, ainda caído no chão. — Tony, caríssimo, levanta-te e diz aos outros que estás perfeitamente bem.

Como um autómato, Tony pôs-se de pé. Virou-se sincopadamente até ficar de frente para Neferet. Depois, sem expressão alguma na cara corada e salpicada de sangue, declarou:

— Estou perfeitamente bem.

— Esqueceste-te de algo — disse Neferet.

O corpo de Tony agitou-se espasmodicamente, como se apanhasse um choque elétrico, e ele repetiu à pressa:

— Estou perfeitamente bem, Deusa.

— Pronto, veem? É tal e qual como eu disse. Como te chamas, minha cara? — perguntou ela à mulher que tremia.

— Elinor — respondeu a mulher.

— Mas que belo nome antigo. Já não se ouvem nomes assim, e é uma pena. Onde estão as Elinors e Elizabeths, Gertrudes, Gladyses e Phyllises? Não, não é preciso responderem. Foram secundarizadas pelas Haileys e Kaylees, Madisons e Jordans. Abomino nomes modernos. Sabes, Elinor, devo agradecer-te. O bom gosto do teu nome ajudou-me a tomar uma decisão quanto a vós, meus novos suplicantes.

redimiça

Vou mudar o nome de todos os que tiverem nomes demasiado espetados. — Neferet olhou para Kylee. — Exceto tu, Kylee. O teu crachá dourado agrada-me demasiado para te mudar o nome.

— Deusa? — Elinor sussurrou o nome numa pergunta.

— Sim, caríssima.

— Estamos... estamos a trabalhar para si agora?

— Oh, muito melhor do que isso. Estão a prestar-me culto agora.

Os vinte de vós são as primeiras testemunhas do meu reinado como Deusa da Escuridão. Cada um de vós terá um papel muito especial e importante a desempenhar para me prestar culto e satisfazer toda e qualquer necessidade. Hão de fazer-me oferendas e sacrifícios e, em troca, eu tirar-lhes-ei o extenuante livre-arbítrio que vos tem obviamente reprimido e deprimido a vida inteira. Por que outra razão teriam empregos tão medíocres e insignificantes?

— Não compreendo o que se está a passar — disse Elinor em voz chorosa.

— Não tarda a que desapareça toda a confusão. Não te aflijas, doce Elinor, só custa um momento. — Neferet ergueu um braço. — Filhos — começou ela.

— Espere! — O bagageiro que quisera socorrer Tony deu um passo em frente e encarou Neferet sem vacilar. — Disse que, se tentássemos ajudar o *chef*, teríamos a mesma sina que ele. Eu não o ajudei. Aqui ninguém o ajudou. Segundo a sua própria palavra, não vai mandar essas coisas tipo cobras para cima de nós.

— E como te chamas tu?

— Judson — respondeu ele, mas depois acrescentou: — Deusa.

— Judson, é um nome do antigo Sul, sabias?

— Não. Eu... não sabia, não — e acrescentou outra vez: — Deusa.

— Pois assim é. Também não te vou mudar o nome. Quanto ao que eu tinha dito? Menti. Prendam-nos! — ordenou Neferet.

Felizmente, os seus filhos tinham previsto a sua vontade e despacharam-se depressa, pelo que a gritaria irritante acabou logo a seguir.



redimiça



QUARTO CAPÍTULO

Neferet

Neferet mandou os seus novos suplicantes, cada qual iniciado no seu culto mediante possessão por um dos seus filhos, acordarem hóspedes e residentes e reuni-los no grande salão de baile.

Neferet decidira instalar a sala das oferendas no salão de baile principal. Estava rodeado de colunas de mármore com um bonito teto alto, lustres ao estilo Art Déco e uma escadaria dupla e ampla com corrimão de ferro forjado e um patamar entre o rés-do-chão — onde os suplicantes ficariam — e o varandim de cima, onde apenas os adoradores mais próximos, ou aqueles que a servissem, seriam autorizados. Os outros ficariam limitados aos seus quartos ou à zona de retenção na cave, que Kylee tivera a amabilidade de lhe mostrar. Caso se revelassem um grande estorvo, e ela não quisesse desperdiçar um tentáculo a possuí-los, serviriam de alimento aos seus filhos.

Neferet só beberia dos suplicantes que lhe despertassem interesse, como é evidente.

Kylee estava incumbida de encontrar uma poltrona que teria de servir de trono, até ela mandar fazer uma de encomenda como devia ser.

— Tens de encontrar um marceneiro que me faça exatamente o que eu desejo. A madeira deve ter o encarnado profundo do sangue de um touro — disse ela enquanto escolhia cuidadosamente o cenário.

— E nada daqueles assentos desgraçadamente duros que as velhas re-lhas do Alto Conselho preferem. Estofos de veludo dourado, é nisso que eu me quero sentar.

Neferet deixou que duas das empregadas de quartos mais atraentes a envolvessem num roupão luxuoso cor de púrpura régia, e acabara de decidir que não iria usar calçado — devia andar descalça, como competia a uma Deusa recém-nascida, quando voltou à sala para encher a taça de vinho — irritada por não haver nenhum humano ansioso a servi-la. Já estava à espera, impaciente, que os hóspedes e residentes fossem reunidos pela sua equipa obediente, de modo a que ela pudesse fazer a sua entrada no salão de baile.

— Até uma Deusa tem dificuldade em encontrar criadagem como deve ser, mas deixarei passar este erro. Eles são só vinte. Devem estar atarefados a reunir os humanos na sala das oferendas. Mas só deixarei passar uma vez sem exemplo. — Neferet bebericava o líquido rico e cor de rubi, deleitava-se com o gosto do sangue que o bagageiro bem-parecido se oferecera graciosamente para lhe temperar o vinho, ao abrir um lenho na própria carne, quando lobrigou algo na televisão pelo canto do olho. Passava uma notícia de última hora em rodapé, assassinios em Tulsa, e a pivô, Chera Kimiko, falava com um semblante sombrio.

Encantada, Neferet pôs som no aparelho, a contar reviver os deliciosos pormenores do seu banquete. Porém, em vez da Boston Avenue Church, o ecrã encheu-se com uma imagem de Woodward Park, em péssimo estado de fealdade carbonizada. Depois a câmara avançou e Neferet ergueu o sobrolho quando focaram o muro de rocha ao lado da gruta que há tão pouco tempo lhe servira de refúgio. Neferet aumentou o volume impacientemente a tempo de ouvir Kimiko, numa voz tão séria.

— *É este o local do assassinio grotesco dos dois homens, cujos cadáveres foram descobertos por bombeiros ontem de manhã. Como já noticiámos, a violenta trovoada que gerou ventos na ordem dos cento e vinte quilómetros por hora também trouxe com ela relâmpagos mortíferos. As quedas de raios na área de Tulsa traduziram-se em cinco mortes hoje, com mais dez pessoas hospitalizadas em estado grave. Aparentemente, a morte destes dois homens não aconteceu como resultado da trovoada.*

redimiça

Adam Paluka está em direto com o Detetive Kevin Marx, e vai dar-nos pormenores. Adam?

O cenário mudou do parque assolado pela trovoada para um detetive sentado à secretária de um gabinete com aspeto mundano. Neferet reconheceu nele o agente que parecera simpatizar com Zoey Redbird no passado, coisa mais irritante, e fez má cara enquanto assistia à breve entrevista.

— *Detetive Marx, pode explicar-nos as outras duas mortes em Woodward Park, e já descartou realmente causas relacionadas com a trovoada?*

— *Os cadáveres de dois homens, ambos com quarenta e muitos anos, foram encontrados ao princípio do dia de ontem. A causa da morte foi a mesma para ambos: traumatismo violento e hemorragia.*

Neferet sorriu, a decidir que era um excelente ensaio preliminar para a carnificina que eles não tardariam a descobrir.

— *E é verdade que a polícia deteve alguém que confessou os crimes?*
Neferet ergueu o sobrolho.

— *Confessou os crimes? Deteve? É impossível.*

— *Sim, lamento informar que uma jovem iniciada, que eu conheço pessoalmente, se entregou de livre vontade e confessou ter matado os dois homens.*

— *Iniciada!* — Neferet saiu da poltrona de rompante, a berrar para o ecrã da televisão.

— *Podemos saber o nome da iniciada?*

— *Zoey Redbird.*

Neferet guinchou, pegou num dos candeeiros elétricos que desligara da corrente e atirou-o contra o ecrã.

— *Aquela criança fraca e melíflua pensa que matou os dois homens? Encontrei-os, muito ligeiramente aturdidos, a poucos metros do meu refúgio, e o sangue deles serviu para me alimentar de maneira a dirigir-me ao banquete da Boston Avenue Church. Zoey Redbird a matar dois homens adultos? Mas que rematado disparate! Ela não tem força para matar ninguém! E até confessou o crime? A rapariga é mais idiota do que eu podia ter imaginado. — Neferet deixou pender a cabeça para trás e uma gargalhada escarninha ecoou pela suite fora.*

...

Neferet assumira posição no meio da graciosa escadaria dupla do salão de baile principal do Hotel Mayo. Adorava a ironia de estar no mesmíssimo lugar onde tantos casais humanos iludidos tinham proferido votos de casamento.

— Esparguete de pacote dura mais do que a maioria dos casamentos humanos, sabiam? — Neferet sorriu para a multidão reunida no chão de mármore preto e branco brilhante. Tinha mandado baixar a luz dos lustres e que pusessem e acendessem grandes candelabros à esquerda e à direita da sua posição no patamar. Sabia que a sua beleza era divina e complementada pela maneira como o traje cintilava com a carícia da luz das velas.

Ordenara que metade dos vinte suplicantes a rodeasse, mas não propriamente no patamar. Os outros dez humanos possuídos estavam destacados na entrada para o templo. Dera-lhes uma única ordem: ninguém pode entrar ou sair.

Os filhos da Escuridão contorciam-se em redor dela, invisíveis aos humanos boquiabertos mas reconfortantes para ela na sua avidez tão familiar.

— Ah, fazem bem em não responder. Não era uma pergunta digna de uma Deusa no primeiro discurso ao seu povo escolhido. Permitam-me começar de novo.

Neferet posicionou-se em frente do trono, abriu bem os braços e disse:

— Olhai! Eu sou Neferet, Deusa da Escuridão, Rainha Tsi Sgili. Fiz deste hotel o meu Templo das Trevas e vós — os poucos afortunados — serão os meus leais suplicantes, os meus Escolhidos. Pela minha parte, irei recompensar o vosso culto retirando-vos os cuidados com o mundo terreno. Não precisam mais de labutar em empregos medíocres. Não precisam mais de voltar a casamentos entediantes e filhos ingratos. Deste dia até ao da vossa morte, a vossa única finalidade é adorarem-me. Humanos, rejubilai!

A este discurso seguiu-se um longo momento de silêncio absoluto, e depois a multidão começou a mexer-se num burburinho nervoso.

Neferet aguardou pelo que sabia estar para vir, e esse saber manteve-lhe o sorriso beato no rosto. Adorava sumamente dar lições de vida aos humanos.

redimiça

Conforme esperava, Neferet não teve de esperar muito. Avançou uma mulher. Era alta e morena — provavelmente no fim da meia-idade, embora tivesse o ar bem conservado, bem exercitado de uma mulher que trabalhava laboriosamente para manter o que lhe restava da juventude. Trajava um vestido de excelente corte e muito bom gosto, num belíssimo tom de verde-esmeralda.

— Onde é que encontraste esse vestido lindíssimo? — perguntou Neferet à humana antes que ela falasse.

A mulher pestanejou, obviamente admirada com a pergunta, mas respondeu:

— É um *Halston*. Comprei na Miss Jackson's.

— Kylee — chamou Neferet para onde a rapariga estava, com um ar serenamente robótico, no fundo da escadaria. — Toma nota. Vou precisar que vás à Miss Jackson's e me escolhas uma variedade de vestidos. Não te esqueças de incluir um modelo *Halston*.

— Sim, Deusa — entouou Kylee sem emoção.

Neferet franziu o sobrolho, a olhar para Kylee. Queria mesmo a rapariga para lhe escolher os trajes? A criança não podia ter mais de vinte anos, e se o cabelo cortado à navalhada fosse exemplo da sua noção de moda, poderia realmente ser um desastre...

— Pronto, vai ter de explicar o que se está realmente a passar. Não tenho tempo para isto. — A recuperar da admiração, a mulher de verde-esmeralda interrompeu a contemplação interior de Neferet. Pousou uma mão bem arranjada na anca esbelta e mirou Neferet, a bater o pé de impaciência. — Tenho planos para jantar cedo no Summit Club e um avião de volta a Nova Iorque a seguir.

— Já te expliquei a situação — disse Neferet. — Sou agora a vossa Deusa. Não irás jantar no Summit Club, nem voltarás para Nova Iorque, a menos que eu te mande lá ao meu serviço. A tua única função é prestar-me culto. Em troca, eu livro-te de cuidados mundanos. Qual é o tamanho desse vestido? Trinta e seis ou trinta e oito?

— A sério, a piada não tem graça. O Frank Snyder é que tratou disto, não foi? Frank? — A mulher não ligou a Neferet e chamou pelo nome do homem, a olhar em redor como se esperasse vê-lo. — Ela está vestida como uma diva do cinema mudo. Deixa-me adivinhar: vai cantar "Smoke Gets in Your Eyes" pelos meus anos, não é? Como é que

contrataste uma vampyra? Ou as tatuagens são pintadas? — A mulher já girara os 360 graus e voltara a encarar Neferet, fitando-a como se lhe quisesse limpar as tatuagens.

Neferet decidiu que se lhe estava a acabar a paciência.

— Escolhidos, que isto lhes sirva de lição. Eu não sou uma piada. Eu sou a vossa Deusa: poderosa, possessiva, imortal e omnisciente. Sou quase desprovida de paciência e nunca, jamais, tolero gente tola. — Neferet debruçou-se e pousou a mão na balaustrada de ferro. Fitou a mulher e mergulhou na sua mente desprotegida. — Então chamas-te Nancy e fazes anos hoje. — O sorriso de Neferet era como o de uma gata. — E fazes cinquenta e três, embora digas aos amigos que tens quarenta e cinco.

O corpo da mulher sacudiu-se e ela ficou embasbacada, chocada com a violação mas impotente para lhe resistir.

— Como consegui fazer uma coisa dessas? E como se atreve?

Neferet deu estalinhos com a língua.

— Uma vida de privações em nome da beleza. Ninguém te explicou que, por mais que fizesses, *és humana e tens de envelhecer*? Nancy, devias ter comido mais massa, bebido mais vinho, dormido com o filho mais novo do vizinho mais de duas vezes, e deixado o odioso do teu marido quando ele deu a primeira facadinha há vinte e cinco anos. Nancy, eu sei estas coisas porque sou uma Deusa. Eu atrevo-me a dizer estas coisas porque sou a *tua* Deusa, embora tu sejas claramente indigna de mim.

As pessoas que estavam perto de Nancy mexeram-se, como se quisessem afastar-se, mas ainda tinham semblantes confusos e descrentes nos rostos bovinos.

— Seria sensato afastarem-se da Nancy. Eu sei que o meu templo tem lavandaria, mas não há razão para sujarem a roupa escusadamente. — As pessoas mais perto de Nancy deram alguns passos hesitantes. Neferet sorriu-lhes encorajadoramente quando se baixou e pegou num dos tentáculos que lhe lambia os pés nus. Era agradavelmente grosso e pesado, e a pele fria e esponjosa latejava contra a sua carne quando se lhe enrolou num braço. — Mata a Nancy. Fá-la sofrer. Ela encheu a vida de sofrimento, sofrer na morte deve ser um consolo. — Neferet falou afetuosamente ao seu filho. — E deixa-te ser visto.

redimiça

Atirou a criatura contra Nancy. Ficou visível em pleno ar. Houve exclamações e ais entre a multidão, que passaram a gritos quando o tentáculo se enrolou ao pescoço de Nancy e começou, lentamente, a cortar-lhe a carne até a degolar.

A multidão degelou toda ao mesmo tempo e, a gritar de pânico, avançou para a saída.

— *Não dei autorização para saírem da minha presença!* — Cheia de poder imortal, a voz de Neferet ecoou no vasto salão de baile. — *Filhos, mostrem-se ao meu povo!*

O ninho de Escuridão que a rodeava ondulou e ficou visível, mas pouca gente reparou. Estavam horrorizados a olhar para as cabeças serpentinadas dos tentáculos que tinham possuído o pessoal de Neferet e que, à sua ordem, se tinham feito visíveis dentro das bocas escancaradas de cada um dos humanos robotizados que guardavam a saída.

Neferet tomou nota mentalmente — não podia deixar de recompensar aqueles filhos que se tinham oferecido para o trabalho entediante de possuírem os seus efetivos. Estavam a ser tão obedientes, tão solícitos. Em breve teria de haver outro festim para eles.

Neferet sentiu uma voluta de poder entrar-lhe no corpo e passou a dar atenção a Nancy, cuja cabeça tinha finalmente sido decepada. Havia tanto sangue, e um tentáculo não conseguia dar vazão. Neferet suspirou. O chão de mármore ia ficar sujo. Mas teria de tratar de tudo sozinha?

— *Bebam dela, rápido!* — ordenou Neferet aos filhos que lhe estavam mais próximos. — Não vou tolerar imundície no meu templo. — Depois suspirou outra vez e deu atenção ao magote de gente em pânico. — *Estão a começar mal!* — bradou ela. — Em troca de vidas cheias de finalidade, só peço obediência e adoração. A Nancy não me deu nenhuma, e estão a ver o que lhe aconteceu. Que seja uma lição para vós, para todos vós.

— O que são aquelas criaturas? — perguntou um homem baixo e gordo, obviamente a tentar controlar o medo enquanto afagava o braço a uma mulher que também era baixa e gorda, e que escondera o rosto no casaco dele, a chorar.

— São meus filhos, feitos de Escuridão e leais apenas a mim.

— Porque é que estão nas bocas daquelas pessoas? — perguntou ele.

— Porque aquelas pessoas são o meu pessoal e também têm de ser leais apenas a mim. Possuí-los é mais eficiente do que decapitá-los. Ora, estão a ver como será muito mais fácil se fizerem o que eu mandar?

— Mas isto é loucura! — clamou um homem na retaguarda do salão de baile. — Não está à espera que fiquemos aqui a adorá-la, pois não? Temos a nossa vida, a nossa família. Vão dar pela nossa falta.

— Tenho a certeza que sim, mas como são *gente* e não imortais, não me diz respeito. Caso os aqui presentes se portem muito, muito bem, talvez eu dê autorização para que as vossas famílias venham também.

— Não a vão deixar fazer isto — disse uma mulher a soluçar. — A polícia há de cá vir.

Neferet riu-se.

— Oh, espero bem que sim. Estou ansiosa pelo confronto. Deixa-me assegurar-te de que a Divisão de Polícia de Tulsa não sairá vitoriosa.

— E agora? O que é que vamos fazer? Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! — guinchou outra mulher.

— Calem-na! — ordenou Neferet, e um tentáculo voou direitinho a essa mulher, enrolou-se-lhe na cara e fechou-lhe a boca. A contorcer-se, ela tombou no chão.

Neferet soltou um longo suspiro de alívio quando, não só os guinchos pararam, mas o pânico da manada também amainou. Alisou o traje que já lhe assentava como uma luva e falou calmamente para os suplicantes chocados e esbugalhados.

— Devem aprender estas lições agora, já. — Neferet enumerou as lições com os dedos longos e esbeltos. — Não tolero histeria. Não tolero deslealdade. Também não me agradam homens brancos de meia-idade. Agora, preciso de sessenta voluntários. Quem gostaria de tratar de assuntos muito importantes na minha suite do último andar?

Ninguém se mexeu. Ninguém a encarou. Neferet suspirou outra vez e acrescentou:

— Não vou beber de nenhum desses sessenta voluntários. — Uma jovem pôs no ar uma mão trémula. — Sim, caríssima. Qual é a questão?

— Vai... vai mandar as cobras entrarem-nos na boca?

Neferet sorriu-lhe docemente.

redimiça

— Não, não vou.

— Então... então sou voluntária — disse ela.

— Muito bem! — elogiou Neferet. — Como te chamas?

— Staci.

— Não, vou chamar-te Gladys. É um nome muito mais seleta, não te parece?

A rapariga acenou com a cabeça, sincopadamente.

— Portanto, Gladys, passa para o lado esquerdo da minha sala de oferendas. Ora bem, eu quero mais cinquenta e nove pessoas que sejam entusiásticas como a Gladys para se juntarem a ela.

Como mais ninguém se mexia, Neferet encheu a voz de fúria e berrou:

— *Já!*

Como que chicoteados, um grupo de humanos correu para perto de Gladys.

— Kylee, conta-os e diz-me quando eu tiver sessenta voluntários.

Cada vez com mais impaciência, Neferet aguardou. Finalmente, Kylee declarou:

— Já há sessenta voluntários, Deusa.

— Muito bem. Faz-te útil, Kylee, e leva-os para a minha suite. Manda-os esperar no varandim por ordens minhas. Ah, e abre várias caixas de champanhe. Serve generosamente. Os meus voluntários devem ser recompensados!

Com um ar confuso mas aliviado, os sessenta foram a arrastar os pés para os elevadores. Neferet deu atenção aos suplicantes que restavam. Estavam a olhar para ela como se esperassem que lhes largasse uma guilhotina enorme em cima.

— Seria mais fácil possuí-los a todos. Instruir humanos modernos nos preceitos de culto a uma Deusa será infundavelmente entediante — resmungou Neferet conforme tamborilava os dedos no corrimão de ferro.

Uma mulher que estava perto e ouviu deu vários passos na direção da escadaria e, quando Neferet olhou para ela, baixou-se numa vénia profunda e graciosa. Neferet ergueu o sobrolho. Estudou a mulher, que continuava agachada, a cabeça respeitosamente curvada. Era mais

velha do que Nancy, mas pouco. E embora estivesse trajada com bom gosto num saia-casaco de bom corte, aparentava a idade que teria.

— Podes erguer-te — disse Neferet finalmente.

— Obrigada, Deusa. Tenho autorização para me apresentar?

— Tens, deveras — respondeu Neferet, completamente intrigada.

— Chamo-me Lynette Witherspoon, sou a proprietária da Everlasting Expressions. Queria oferecer-te os meus serviços.

— Lynette. Sim, é um nome inofensivo. Podes ficar com ele. O que é ao certo a Everlasting Expressions?

— É a minha empresa de organização de eventos, design e coordenação para uma clientela seleta — explicou ela.

Neferet apreciou o orgulho e a confiança na voz da mulher.

— E o que te propões fazer por mim?

— Tudo — afirmou Lynette. Olhou para o salão de baile, onde as pessoas se amontoavam atrás dela, antes de fitar Neferet candidamente outra vez. — Creio que o culto a uma Deusa é um evento contínuo da maior importância que deve ser gerido sem percalços e com bom gosto. Se mo permitires, posso garantir-te que o teu culto será uma sucessão de eventos espetaculares.

— Interessante... — comentou Neferet. — Lynette, não te importas que eu procure um vislumbre breve e indolor dos teus motivos, pois não? — Embora tivesse formulado uma pergunta, Neferet não esperou que Lynette respondesse. Não obstante, entrou na mente da mulher com mais suavidade do que tinha entrado na de Nancy. O que encontrou fez a Deusa sorrir.

— Lynette, tu és uma oportunista.

— S-Sou — disse ela, algo trémula depois de Neferet lhe sair da mente.

— E odeias homens. — O sorriso de Neferet abriu-se.

— Não sou divina, pelo que só me resta adivinhar, mas creio que a Deusa compreende o meu ódio — disse Lynette.

— Agradas-me, Lynette. Autorizo que sejas gestora da organização do meu culto.

Lynette tornou a fazer uma vénia profunda.

— Obrigada, Deusa.

— E qual é a tua primeira ordem de trabalhos? — Neferet quase

redimiça

não se continha de curiosidade quanto ao que aquela humana invulgar tencionava fazer.

— Bem — respondeu Lynette, a ajeitar o carrapito e a estudar as pessoas que estavam em silêncio, estupidificadas, atrás de si. — Todos os eventos começam com duas coisas: o traje correto e a decoração correta.

— Só tenho um requisito: que me deslumbres — disse Neferet.

— Sim, Deusa — respondeu Kylee respeitosamente.

— E vós, meus suplicantes — ela apontou para o resto da manada — façam o que a Lynette mandar. — Os olhos de Neferet dardejaram para Kylee e ela acrescentou: — Desde que ela não lhes mande tentar sair do meu Templo.

— Não me passaria pela cabeça, Deusa — disse logo Lynette.

— Oh, caríssima, mas passou, só que te apercebeste da insensatez a tempo.

Lynette baixou a cabeça.

— *Touché*, Deusa.

— Agora deixo os meus súbditos nas tuas mãos capazes, Lynette. Vou retirar-me para a minha suite de modo a preparar...

A partida de Neferet foi interrompida pelo bagageiro alto, Judson, a chamar de onde estava, diante das portas trancadas e aferrolhadas do Hotel Mayo.

— Deusa! A polícia está cá!



redimiça



QUINTO CAPÍTULO

Lynette

Socorro! Polícia! Ela prendeu-nos aqui! — Uma rapariga que Lynette reconheceu ser a dama de honor do casamento espetacularmente esbanjador dessa noite gritou e, a contornar um membro do pessoal possuído por uma cobra, desatou a bater no vidro grosso das portas da frente.

— Porque é que tenho de ser eu a fazer tudo? Criadagem, todos menos o Judson, levem estes humanos para a cave! — A voz de Neferet estava eivada de peçonha e o pessoal do hotel reagiu como se ela lhes tivesse dado um choque elétrico. Como um só, desataram a empurrar rudemente o grupo de gente aterrada para uma saída de emergência na retaguarda. A vampyra flutuou escadaria abaixo e deslizou pelo salão de baile, passando tão perto de Lynette que a cauda do roupão cor de púrpura lhe roçou nos pés. Lynette retrocedeu, tentou fundir-se nas sombras e evitar ser levada com o resto da manada, mas Neferet abordou-a: — Tu, vens comigo. Não quero que percas o evento que *eu* estou a organizar.

— Como queiras, Deusa. — Lynette endireitou-se, dominou o medo e foi atrás de Neferet. Desse por onde desse, não iria ficar como os desgraçados do pessoal que tinham as cobras nojentas da vampyra enfiadas na boca. Também não ia fazer estupidez nenhuma que a deixasse sem cabeça. Sobrevivera a uma mãe alcoólica e a uma infância indigente e violenta e conseguira erigir um império

só seu. Tinha dinheiro e posição social. Conduzia um *Mercedes Benz Classe S* e tinha uma casa com seiscentos metros quadrados em Eight Acres, o condomínio fechado mais exclusivo e caro de Tulsa. Fazia férias em França e só viajava em primeira classe. De certezinha que iria sobreviver a uma vampyra sedenta de poder com delírios de imortalidade, e *também* arranjará maneira de sair a lucrar com a situação.

Neferet chegara à rapariga que guinchava.

— Tu não serves para suplicante! — Com uma força prodigiosa, pegou num punhado do cabelo louro pintado da rapariga e puxou-lhe a cabeça para trás até Lynette ter a certeza que ela acabaria de pescoço partido. Depois apontou para a boca da rapariga histérica: — Possuí-a!

Lynette quis desviar os olhos, mas não conseguiu. A cobra preta enfiou-se na boca da rapariga. Os olhos reviraram-se, só ficou a ver-se a parte branca, e o corpo ficou inerte. Só a mão de Neferet no cabelo a sustinha de pé.

— Vou chamar-te Mabel. Quando eu mandar, tu vens ter comigo de livre vontade — rosnou Neferet, a levantar a cara da rapariga inconsciente até ficar a um dedo de distância da sua. Os olhos sem pupila piscaram. Como se a vampyra carregasse num interruptor, o terror na cara da rapariga desapareceu, deixando apenas uma expressão rígida mas atenta nos olhos impávidos.

— Sim, Deusa — entoou ela sem emoção.

Aquelas cobras horrorosas controlam completamente quem possuírem, pensou Lynette. *A mim não*, prometeu de si para consigo. *A mim é que não vai acontecer. Prefiro morrer a acabar assim!*

Neferet largou a rapariga. Ela cambaleou, como se não tivesse equilíbrio, mas permaneceu de pé. A vampyra alisou o cabelo perfeito e enxotou um bocadinho de qualquer coisa do ombro do roupão. Depois olhou para Lynette.

— Sabes o que acontecerá se me desapontares e revelares que não serves para suplicante.

Lynette não desfitou o olhar verde-esmeralda de Neferet. Baixou-se na vénia profunda que agradara à vampyra.

— Não te desapontarei, Deusa.

redimiça

Sentiu o deslizar escorregadio de Neferet a tocar-lhe na mente e concentrou os pensamentos na verdade: nem por mil raios faria algo que virasse a vampyra contra si.

— Em breve, Lynette, tu acreditarás que eu sou Deusa e que o teu destino é servir-me. — Antes que Lynette comentasse, Neferet virara costas, a mandar: — Judson, destranca as portas da frente. Lynette, vem comigo. Filhos, não se deixem ver, mas não me faltem!

Com um som que sempre fizera Lynette pensar em dinheiro antigo e opulência, as austeras portas de latão e vidro abriram-se e Neferet avançou, com Lynette logo atrás, tão perto que conseguia sentir o frio pavoroso que exalavam as cobras invisíveis.

Havia dois carros-patrolha e uma viatura civil com o motor a trabalhar no pequeno acesso circular diretamente à frente do hotel. Quatro agentes fardados falavam com um homem alto à paisana, obviamente quem mandava ali, ou seja, seria detetive ou inspetor. Com a aparição de Neferet, o grupo deu instantaneamente atenção à belíssima vampyra. O detetive acenou com a cabeça para os outros. Perfilaram-se atrás dele quando, com uma cara muito séria, começou a aproximar-se de Neferet.

— Não, eu quero que fiquem ao lado dos carros — disse Neferet. Ficara perto das portas, por baixo do toldo de ferro forjado que caracterizava a entrada do Mayo. Depois deu um passinho para o lado e pôs o braço nos ombros de Lynette — e empurrou-a.

Lynette não tinha de ser vidente para saber o que a vampyra queria. Sem hesitar, avançou para ficar entre Neferet e a polícia. Neferet continuou com a mão no seu ombro, e Lynette sentiu as unhas afiadas e duras da vampyra na pele do pescoço, logo acima da artéria que pulsava forte e fluida.

Lynette ficou completamente imóvel.

O homem alto hesitou apenas um segundo, embora o segundo parecesse uma eternidade a Lynette. Depois, ele e os agentes deram vários passos atrás.

— Pronto, muito melhor. — Lynette ouviu o sorriso na voz de Neferet. — Agora podemos conversar com maior polidez. Detetive Marx, que simpático em fazer-me uma visita. Afinal está uma belíssima tarde, não está? É como se o tumulto do tempo de ontem tivesse

deixado a cidade de cara lavada. — Neferet falava afavelmente, uma mão ainda no ombro de Lynette.

— Neferet, tenho de lhe fazer umas perguntas. Prefere ir à esquadra ou ser interrogada aqui?

O suspiro de Neferet foi um exagero de desânimo.

— Então não há preceitos da boa educação entre nós?

— Em circunstâncias normais, não tenho nada contra os preceitos da boa educação, como a Neferet bem sabe. Nós os dois já trabalhamos amigavelmente antes. Mas o que aconteceu em Tulsa ontem está muito longe do normal, e eu não tenho tempo para a polidez. — O detetive parou de falar e apontou para Lynette. — Parece-me também bastante irónico a Neferet queixar-se dos preceitos da boa educação quando tem uma refém à sua frente.

A pressão da unha de Neferet desapareceu logo, e a vampyra tirou a mão de cima de Lynette com uma carícia íntima na face dela.

— O detetive está equivocado. Lynette, és minha refém?

— Não, Deusa — respondeu ela, a abanar a cabeça e a esforçar-se por dar a entender o quanto era corriqueiro ser escudo humano de uma vampyra psicótica. — Sou uma tua devota suplicante.

— Pronto, vê? Está tudo bem. A Lynette está cá simplesmente porque me adora. E o Detetive Marx, porque veio cá? As perguntas que lhe movem a curiosidade são sobre Woodward Park ou a Boston Avenue Church?

Lynette viu o detetive semicerrar os olhos.

— O que sabe a Neferet da Boston Avenue Church?

Neferet riu-se.

— Tudo! Faça-me perguntas, as perguntas que quiser. Gostaria de saber quanto tempo aquele fraco arremedo de pastor gritou antes de eu o matar, ou porque é que a mulher do vereador não tinha vestido o seu belíssimo *Armani* branco, o qual era, mas que coincidência, mesmo o meu tamanho, quando lhe encontrou o cadáver exangue e inerte à porta do dito santuário? Compreende, é muito difícil limpar sangue dos linhos delicados.

Enquanto Neferet falava, Lynette assistiu à mudança nos semblantes da polícia. Primeiro, registaram o choque, e depois, quando sacaram das armas, repugnância e raiva.

redimiça

A arma do detetive estava apontada por cima do ombro direito de Lynette.

— Lynette — chamou ele. — Avance diretamente para nós. Com as mãos bem à vista, e sem movimentos bruscos.

Lynette sabia que não importava não ter Neferet a tocar-lhe. Ela não tinha alternativa alguma.

— Não, obrigada — disse, conseguindo que a voz não lhe tremesse. — Prefiro ficar aqui com a Deusa.

— Mas que raio está para aí a dizer? — vociferou um dos agentes. — É uma vampyra de merda que chacinou uma igreja cheia de inocentes! Não é deusa nenhuma.

— Lynette, não me agrada este linguajar, e a ti? — perguntou Neferet.

Lynette susteve a respiração e respondeu da única maneira possível. A abanar a cabeça, disse:

— Não me agrada nada.

Neferet inclinou a cabeça para um lado e estudou o agente que tinha refilado. Lynette viu-o sacudir-se.

— Agente Jamison, esse linguajar enche-lhe a cabeça quando tem fantasias com a sua enteada de dez anos? E quando a vê dormir e admite para si mesmo que está prestes a levar o desejo por ela da fantasia para a realidade?

O agente ficou sem pinga de sangue.

— É uma mentira de merda! — barafustou.

— Mais palavrões. Afigura-se-me que o homem é um refilão — disse Neferet, e depois em tom conspirador para Lynette: — Não é bem esta a citação, mas parece assentar como uma luva nesta situação, não te parece?

— Parece, sim — respondeu Lynette, a olhar bem para o agente. O homem estava coradíssimo e parecia prestes a rebentar — e Lynette percebeu que Neferet não estava a picá-lo nem a inventar. Tinha-lhe entrado na mente e descoberto aquele segredinho vil.

— Cabra de merda! — berrou o Agente Jamison.

— Basta! — ralhou o Detetive Marx ao homem fardado, e depois voltou a concentrar-se em Lynette e Neferet. Falou numa voz clara e tranquila que deu a Lynette vontade de poder fugir da insânia da

vampyra para a proteção dele. — Lynette, se preferir ficar com Neferet, também pode acompanhá-la até à cadeia. Neferet, está detida pelo assassinato da congregação inteira da Boston Avenue Church.

A risada de Neferet era cruel e sem humor.

— Nem sequer atinou nas acusações contra mim, detetive.

— Acabou de confessar esses crimes! — exclamou Marx. Perdera a objetividade profissional que lhe ressumara na voz até então. Com um terrível aperto no estômago, Lynette assimilou a inacreditável verdade: Neferet chacinara uma igreja inteira cheia de inocentes.

Teve de entrelaçar as mãos à frente do corpo para não lhe tremerem.

— O Detetive Marx é um desatino de tacanhez. O que eu fiz na igreja não foi crime, foi um sacrifício, e foi glorioso! Quem me dera que tivesse lá estado a assistir, mas se tivesse estado lá, não poderia estar aqui a testemunhar o início do meu reinado. Oh, voltemos ao que importa. As suas acusações são incorretas porque estão incompletas. Esqueceu-se de acrescentar a merenda que eu fiz do vosso presidente da Câmara umas noites antes.

A cara do Detetive Marx era uma máscara de ódio.

— O instinto bem me disse que os vampyros da Casa da Noite contavam a verdade quando a apontaram como responsável pela morte do presidente.

— Por uma vez, tinham razão. Mas deixe-me continuar a minha *confissão*. É uma pena não ter estado ninguém em Woodward Park ontem para ser testemunha da saída triunfante que fiz do meu belo abrigo, e da descoberta que fiz de dois homens deliciosamente aturdidos que praticamente me rogaram que os deixasse sem pinga de sangue. — O detetive arregalou os olhos e Neferet fez um esgar. — Não sei o que será mais inacreditável, que aquela afetada da Zoey Redbird se tenha convencido de que matou os homens, e depois correu que nem uma pateta a entregar-se a si, ou que o detetive tenha mesmo acreditado que aquela criança insípida tivesse poder para matar. Seja como for, a situação não abona em nada as suas capacidades de deteção.

Lynette viu que os agentes fardados, até Jamison, tinham empalidecido perante as levianas admissões de culpa de Neferet, mas a cara

redimiça

do Detetive Marx empederniu-se em vincos obstinados. Depois falou com uma autoridade tranquila.

— Neferet, autorizo um telefonema para o vosso Alto Conselho, mas tem de se entregar a mim e preparar-se para pagar as consequências dos seus atos.

— O Alto Conselho ainda tem menos jurisdição sobre mim do que o Detetive Marx — disse Neferet. — Eu não sou vampyra; eu sou Deusa da Escuridão, Rainha Tsi Sgili, e *nunca* tornarei a vergar-me a qualquer autoridade. O detetive, Tulsa e até o mundo vão prestar-me culto como é meu direito divino. Veja bem que é para aprender. Mabel, vem cá.

A rapariga obedeceu de imediato. Passou as portas que Judson lhe abriu e postou-se ao lado de Neferet.

— Não são mais reféns que a ajudarão a sair disto, Neferet! — declarou o Detetive Marx.

— Eu mandei verem bem que é para aprenderem, humanos! Eu não tenho reféns, apenas devotos suplicantes. Observem o vosso futuro! — Neferet abriu os braços à rapariga a quem chamava Mabel. Lynette teve de se afastar quando Mabel lhe entrou avidamente no amplexo. — Se eu sou a tua Deusa, sacrifica-te a mim.

Com uma curiosidade mórbida, Lynette observou, a pensar no que seria a rapariga compelida a fazer. Não teve de pensar muito.

— Tu és a minha Deusa — disse a rapariga mecanicamente e, nisto, Mabel desatou a esgatanhar o próprio pescoço, a arranhar a carne e a fazer sangue.

— Ora cá está um comportamento próprio de uma suplicante. — Neferet debruçou-se para beber da oferenda. A rapariga arquejava e tremia mas, em vez de tentar fugir, bradava:

— Obrigada, Deusa! — numa voz que transbordava de êxtase.

— Que doce que tu és — disse Neferet, os lábios a milímetros do pescoço ensanguentado de Mabel. Antes de começar a beber, ordenou: — Ocultem-nos!

Instantes depois ouviu-se uma rajada ensurdecadora de fogo. Lynette deixou-se cair, enrolou-se numa bola e cobriu-se com os braços numa tentativa vã de se proteger.

Ouviu-se gritar de dor e depois os agentes desataram aos berros.

A tremer violentamente, Lynette espreitou por entre os braços. Neferet bebia o sangue da rapariga, sem ligar ao caos que lavrava diante delas.

Aparentemente, as balas que eram para Neferet — e provavelmente também para Lynette — tinham ressaltado num escudo qualquer que a vampyra conjurara e tinham sido desviadas diretamente para o corpo do agente pedófilo e grosseirão.

— Oh, meu Deus — sussurrou Lynette de um sopro.

— Não queres dizer: Oh, minha *Deusa*? — Os lábios de Neferet, escarlates do sangue da rapariga, sorriam para Lynette.

— Quero, quero sim — respondeu Lynette, a sentir-se zozna.

Neferet largou a rapariga, e Mabel caiu pesadamente no cimento. Depois estendeu a outra mão para Lynette, que a aceitou e se pôs de pé a tremer.

— Nada receies. Não permitirei que te façam mal. Não permitirei que façam mal a ninguém que me seja leal — disse Neferet. Depois voltou a dar atenção à polícia. Os agentes tinham arrastado o corpo crivado de balas de Jamison para trás dos carros, e era lá que estavam agachados os restantes homens. Lynette ouvia os rádios a crepitarem conforme chamavam uma ambulância e reforços.

— Compreende agora, Detetive Marx? Aprendeu a lição?

— Aprendemos que você é uma assassina! — berrou ele. — Ainda não terminámos, isto não acaba aqui!

— Por uma vez, está correto. Eu não terminei aqui, isto ainda mal começou. Veja bem que é para aprender — repetiu Neferet. — Oh, e olhe para cima! Filhos, venham comigo! — ordenou. Neferet enfiou o braço no de Lynette, virou costas à polícia e voltou a entrar no Mayo.

— Judson, tranca as portas outra vez.

— Sim, Deusa. Mas não os deve aguentar muito.

— Eu sei! Faz o que te mandei. Como sempre, serei eu a tratar do resto dos pormenores.

— Sim, Deusa.

— Lynette, gostaria que viesses comigo ao varandim da minha suite. Um evento espetacular está quase a realizar-se lá.

— Sim, Deusa — anuiu Lynette, a entrar no elevador com ela. Neferet fez um sorriso sabedor.

redimiça

— Quase acreditas que eu sou divina.

Lynette não reagiu. O que poderia dizer que Neferet não refutasse sondando-lhe a mente e encontrando a verdade? Por conseguinte, tornou a dizer a única coisa que podia:

— Estou aqui para te servir, Neferet.

— E servirás.

Abriram-se as portas da suite.

— Kylee, a Lynette está muito pálida. Serve-lhe uma taça do meu melhor tinto e leva para o varandim. Neferet passou por Kylee com Lynette atrás, abriu as portas de vidro e juntou-se às sessenta pessoas que estavam em grupinhos aterrados no varandim. Muitas das pessoas estavam perto da balaustrada de pedra que circundava o que mais parecia um terraço, e era óbvio pelas suas expressões que tinham ouvido os tiros lá em baixo e assistido ao drama que lá se desenrolara.

— Espera aqui, Lynette, e bebe o vinho. Vai ajudar a que te volte a cor às faces. Não posso ter a minha suplicante favorita com um ar macilento e doente — disse Neferet. Depois avançou para o corrimão de pedra, fazendo com que as pessoas mais próximas se afastassem nervosamente a arrastar os pés. — Como o ensino moderno é atroz, sinto ser meu dever como vossa Deusa explicar que isto — ela parou de falar e apontou para as pedras cinzeladas — é uma balaustrada. Os suportes grossos e a espaços regulares, aqui e aqui e aqui — tornou a apontar — chamam-se balaústres. É uma feliz coincidência que haja aqui exatamente sessenta balaústres espaçados a toda a volta deste varandim do meu Templo. Quero que cada um de vós escolha um balaústre e se ponha diretamente em frente a ele.

— Não vai... Não nos vai obrigar a saltar, pois não? — perguntou uma velhota aterrada.

— Não, avozinha — respondeu Neferet calmamente. — Isso não faz sentido nenhum. Não me viu proteger a Lynette das balas mortíferas que a polícia disparou contra ela?

Fez-se um longo silêncio, e depois alguém disse:

— Sim, mas a senhora mordeu aquela rapariga.

— A Mabel era desobediente. Gostariam de partilhar da sina dela?

Estas palavras foram como esporas nas pessoas. Espalharam-se, cada qual assumindo posição diante de um balaústre.

— Excelente! Kylee, enche as taças de champanhe dos meus suplicantes enquanto eu dou uma palavrinha aos meus filhos das Trevas.

Lynette apreciava vinhos tintos caros, e geralmente saboreava-os, a bebericar lentamente como mereciam. Naquela altura, não. Emborcou tudo, tirou a garrafa das mãos da robotizada Kylee quando a rapariga passou para dentro, onde iria buscar mais champanhe. Lynette sentiu-se grata pela sensação surreal e desprendida que o álcool lhe estava a dar enquanto observava a vampyra. Tinha ido para um canto do varandim imerso em sombras e estava debruçada, a falar com o que parecia ser nada de nada.

Lynette sabia que não. Certinho, passado uns segundos, o ar aos pés da vampyra ondulou, como ondas de calor a saírem do alcatrão no estio, e as cobras de Neferet ganharam corpo. Lynette ficou aliviada por a vampyra estar distraída com os seus “filhos,” pois não conseguiu sustentar uma tremura de repugnância. Lynette lembrou-se de um filme do Velho Oeste que vira em pequena. Os vaqueiros andavam a apascentar o gado, iam atravessar o rio, e um jovem caiu do cavalo. Aterrou no meio de um ninho de cobras de água a acasalarem, e morreu, mas penosamente devagar. Parecia que Neferet estava no centro desse ninho, só que as cobras dela eram maiores, mais negras e ainda mais perigosas do que as víboras do Velho Oeste.

Que raio seriam? Lynette teve de convir não saber grande coisa de vampyros. Embora lhe agradasse fazer negócio com eles — eram sempre podres de ricos —, nunca nenhum a contratara. Estava longe de ser uma autoridade em vampyros, mas de certeza que teria ouvido qualquer coisa sobre aquelas criaturas que pareciam serpentes mortíferas. Os companheiros dos vampyros eram para ser gatos, pelo amor da santa, e não répteis!

Lynette deitou o resto do vinho na taça e bebeu outro trago, a sentir-se aliviada por ter as faces quentes. Ótimo, o rubor passaria por “cor” nas faces. Lynette não tinha dúvidas de que a vampyra seria capaz de a matar por capricho. Sem dar nas vistas, beliscou as bochechas para garantir que pareciam cheias de saúde.

Como é que iria sair daquela trapalhada? Já nem se ralava em lucrar com a situação. Só queria fugir, sem ser caçada por um dos filhos da maluca da vampyra.

redimiça

— Excelente! — Neferet endireitou-se, e deu atenção às sessenta pessoas, cada qual diante de um balaústre no varandim. — Agora que os meus filhos compreendem a minha vontade, estou pronta a partilhá-la convosco, meus leais suplicantes. — Assumi posição no centro do varandim para que todos a pudessem ver e ouvir. — Kylee, já chega de champanhe por agora. Vai ter com a Lynette. — Kylee, evidentemente, fez o que lhe mandavam.

Lynette ia deitando olhadelas à rapariga. Tinha a boca fechada, e não se viam sinais de infestação por cobras, mas a rapariga estava claramente em piloto automático. Os olhos abertos mas neutros. A cara inexpressiva. Desta vez Lynette refreou mesmo uma tremura de repugnância. Sabe-se lá o que aquela coisa a seu lado iria dizer à vampyra?

— Ora, tenho uma pergunta para vós, qualquer um pode responder. Qual é a vossa principal preocupação neste momento? — perguntava Neferet às pessoas. Lynette achou estranho ela soar tão normal, até bondosa. Era só fachada, mas da boa.

Ninguém respondeu, e Neferet sorriu calorosamente, encorajadora, e disse:

— Oh, francamente! Eu sou a vossa Deusa. É meu dever e meu prazer ouvir as vossas preocupações e, como meus suplicantes, é vosso dever dar-lhes voz. Por favor não me façam obrigar ao cumprimento desse dever.

Falou um homem.

— A minha principal preocupação é não morrer... ou pior — disse ele, a dar uma olhadela nervosa ao ninho de escuridão que rodeava a vampyra.

— Ótimo! Bem apanhado. Há mais alguém com a mesma preocupação?

A solicitude de Neferet parecia autêntica e até Lynette se sentiu a acenar com a cabeça junto com os outros.

— Perfeito! — disse Neferet. — Eu sabia que a segurança seria a vossa maior preocupação. Ora bem, não estou a repreendê-los, nem estou zangada convosco, mas a vossa principal preocupação devia ser cuidar de mim e prestar-me culto. — Houve várias pessoas que começaram a falar, obviamente com medo do que a vampyra faria a seguir, mas Neferet pôs a mão no ar e, com um gesto majestoso, sossegou-as.

— Não, não, eu compreendo. Deveras, compreendo. E por isso é que vou garantir que ninguém faz mal aos meus suplicantes, para que possam estar à vontade a prestar-me culto.

Lynette achou irónico que, conforme Neferet fazia esta declaração, se comesse a ouvir o ruído de várias sirenes cada vez mais próximo, lá em baixo.

— No intuito de garantir a segurança dos meus suplicantes, preciso da vossa ajuda. Façam exatamente o que lhes digo, e prometo que o meu templo ficará impenetrável ao mal.

Lynette suspirou baixinho. Era uma pena que ninguém verbalizasse o que pensava: *Não estamos ralados com o mundo lá fora, mas sim consigo!* Mas claro que ninguém se atrevia a falar porque estavam todos petrificados de medo de Neferet.

— Aquilo que precisam de fazer é muito simples. Primeiro, cada qual vai virar-se para fora. — Devagar, com relutância, as sessenta pessoas fizeram o que ela mandava até ficarem todos de costas voltadas para Neferet. — Agora, levantem os braços, fechem os olhos e desanuviem as mentes respirando fundo três vezes comigo; inspira, expira... inspira, expira... inspira, expira. — Lynette ouviu as pessoas a respirarem com ela. — Quero que se concentrem na minha voz e não pensem em mais nada. — Neferet calou-se, olhando em redor do varandim para ver se estavam todos nos seus devidos lugares. Quando o seu olhar encontrou o de Lynette, os lábios cheios curvaram-se num sorriso felino.

Lynette até sentiu o estômago revirar-se de mau agouro e aflagiu-se que ainda vomitava o vinho que tinha emborcado.

Neferet deixou de olhar para ela e mirou as cobras que lhe serpenteavam aos pés.

— Filhos, chegou o momento! — As palavras seguintes foram declamadas num tom encantatório que era surpreendentemente calman-te, quase hipnótico.

*Num só golpe rápido devem matar
Para que lá em baixo não possam duvidar
Cheios de poder, bebam à exaustão
E criem para mim a melhor proteção.*

redimiça

Lynette sentiu o poder a avolumar-se a cada frase que a vampyra dizia e ela, junto com as sessenta pessoas paralisadas de braços no ar, não pôde fazer mais além de esperar pelo que vinha a seguir.

*Para um mundo novo eu fazer
O meu templo divino e forte deve ser
A mim devem uma lealdade que garanta
Mostrar a Tulsa como uma Deusa canta!*

Por muitos anos que vivesse, Lynette jamais poderia apagar da sua memória a visão do que aconteceu a seguir. A entoar as palavras “como uma Deusa canta!”, Neferet ergueu os braços e, como se fosse esse o sinal que aguardavam, sessenta das cobras zarparam de junto dela rumo às costas incautas das pessoas. Lynette reteve o fôlego, à espera que as serpentes lhes subissem pelas pernas e as possuíssem, mas estas expectativas afinal eram tão, mas tão, modestas. Em vez de possuírem as pessoas, as cobras — como se fossem uma só — atingiram cada uma das sessenta no meio das costas, penetraram nelas com tal força que sangue e carne brotaram como uma chuva escarlate a fluir com as cobras sobre a balaustrada de pedra. Sem poder crer no que os seus olhos contemplavam, Lynette viu as criaturas rastejarem pelas laterais do edifício Mayo, lavarem-nas com negrume e sangue, como se desenrolassem um pano negro a escorrer.

Ouviu um som e voltou a olhar para Neferet. A sentir-se dormente, viu que a vampyra ainda estava de braços erguidos. A cabeça rolara-lhe para trás, o corpo tremia-lhe espasmodicamente e ela gemia de prazer extremo. Lynette teve a certeza de ver um brilho tenebroso a cintilar e a expandir-se em redor dela. De repente, compreendeu. *São as pessoas a morrer — não sei como, mas ela alimenta-se das almas, como as criaturas se estão a alimentar dos corpos.*

E estavam a cevar-se dos novos mortos — todas as cobras que tinham ficado no varandim do telhado. Lynette sentiu que abanava a cabeça de um lado para o outro. Havia tantas, ainda havia tantas.

Lynette ainda estava a abanar a cabeça e a olhar para as criaturas que se contorciam por cima e à volta dos mortos, agarradas como

sanguessugas gigantescas, a esgotar o que restava nos corpos inertes, quando Neferet baixou os braços. Alisou as vestes e, sem sequer olhar para nenhuma das sessenta pessoas, virou-se e, a sorrir, acercou-se de Lynette.

— Kylee! Atira os corpos sobre a balaustrada quando os meus filhos terminarem. Oh, e chama o Judson e o resto do pessoal. Já não há necessidade de guardarem a porta. Estão todos a salvo. Não há nada que possa penetrar no meu véu de Escuridão. Ninguém pode entrar ou sair do meu templo sem minha autorização. Manda o pessoal informar os restantes suplicantes de que não precisam de ficar naquela cave soturna. Podem voltar para os quartos sem medo. Assegurei-me de que estão protegidos, desde que me prestem culto. Chegou o momento de me começarem a prestar culto.

— Sim, Deusa — respondeu Kylee, a desaparecer pela porta da suite. Neferet fitou Lynette com o seu olhar verde-esmeralda.

— O que achaste do meu evento?

Lynette engoliu em seco o nó doentio que tinha na garganta e que ameaçava sufocá-la e respondeu com a mais completa sinceridade.

— Nunca vi uma coisa assim.

— Nunca vi uma coisa assim, o quê? — repetiu Neferet, expectante.

— Nunca vi uma coisa assim, *Deusa* — disse Lynette, e fez outra vénia trémula e profunda.

— E agora sentes verdadeiramente. Que delícia. Ergue-te, Lynette, caríssima, e serve-nos uma taça de vinho enquanto debatemos o tipo de eventos de culto que tens em mente para mim.

Lynette levantou-se e fez exatamente o que a sua Deusa mandava.

redimiça



SEXTO CAPÍTULO

Detetive Marx

Desde aquela noite escura e cheia de neve em que Zoey Redbird o chamara ao velho depósito, onde ela e um rapaz tinham escapado à morte por uma unha negra, que o Detetive Marx tinha interrogações sobre Neferet, a qual era então Sumo-Sacerdotisa da Casa da Noite de Tulsa. Algo na vampyra lhe parecera *mal*. Zoey tinha obviamente estado receosa dela, quando ele levara a iniciada de volta à Casa da Noite e Neferet a recebera com o que parecia ser verdadeira simpatia. Zoey continuara reservada, mas até fizera questão de mostrar as tatuagens novas que a Deusa lhe tinha concedido nessa noite, o que, para o olho treinado do Detetive Marx, indicava que a iniciada tinha dito à vampyra mais poderosa da escola para não se meter na vida dela.

Marx ainda tinha pensado em ficar do lado da vampyra e questionar a veracidade da iniciada mas, antes pelo contrário, Marx começara a sentir desconfiança de Neferet, a mesma desconfiança que lhe salvara o couro nas ruas da cidade, tantas vezes que já lhes perdera a conta. Tinha gostado de Zoey. Não sentira desconfiança nenhuma dela. Já de Neferet não tinha gostado *nada*.

Depois perguntara à irmã, que fora Marcada quase duas décadas antes, sobre Neferet. Anne tinha sido invulgarmente sucinta na sua resposta: *Neferet é uma Sumo-Sacerdotisa poderosa. Não te metas com ela*. Quando ele tinha pedido pormenores, Anne acabara logo com o assunto. Até tinha evitado os telefonemas dele durante quase

uma semana. Isso é que tinha sido esquisito. Ele e Anne eram gêmeos, tinham continuado chegados mesmo depois de ela ser Marcada e de passar pela Mudança. Atualmente, ela era professora de Rituais e Sortilégios na Casa da Noite de São Francisco. Marx fazia lá férias pelo menos uma vez por ano. Até ficara no recinto da escola como convidado dela várias vezes. Anne era geralmente aberta e sincera com ele quanto ao seu mundo vampyrico. Sabia que podia confiar no irmão, mas bastava uma menção a Neferet, e Anne erguia um muro entre eles.

Max detestava isso, detestava que a irmã não desabafasse com ele. Portanto, nunca mais fizera perguntas sobre Neferet.

Nem sequer quando a Sumo-Sacerdotisa abandonara a Casa da Noite de Tulsa e dera uma conferência de imprensa, a condenar os vampyros integracionistas em geral e a sua antiga Casa da Noite em particular.

Nem sequer quando Neferet desaparecera depois de lhe vandalizarem a suite no hotel.

Nem sequer quando a nova Sumo-Sacerdotisa da Casa da Noite de Tulsa acusara Neferet do assassinato do presidente da Câmara, Charles LaFont.

Nem sequer quando uma pista anónima lhe chegara pela linha telefónica Vamos Travar o Crime a dizer que uma vampyra toda nua cuja descrição condizia com a de Neferet tinha sido vista a entrar na Boston Avenue Church.

Os últimos vinte minutos tinham-no feito mudar de ideias quanto a fazer perguntas à irmã.

— Aqui! Agente abatido aqui! — Marx acenava para a ambulância que entrara com as sirenes ligadas na barricada improvisada onde ele e os colegas se resguardavam. Olhou para Jamison. O tipo já tinha encomendado a alma ao Criador. As seis balas que tinham feito ricochete no escudo invisível que Neferet montara tinham-no atingido, sabe-se lá como, convenientemente em todo o lado menos nas partes do corpo protegidas pelo colete de kevlar. *Como raio é que ela tinha feito aquilo?* Marx acrescentou outra à longa lista de perguntas que ia de certezinha absoluta fazer à sua irmã.

Apareciam cada vez mais carros-patrolha, que estacionavam no meio das ruas a circundar o hotel. Os agentes que não acorriam de

redimiça

reforço a Marx despachavam-se a evacuar todos os prédios adjacentes. Marx comunicara o agente abatido e uma crise de reféns muito grave.

Foi com um misto de alívio e arrependimento que viu o Chefe Connors a dirigir o grupo da força de intervenção.

O Chefe Connors não era famoso pela sua diplomacia.

— Detetive, faça-me o relatório — ordenou o chefe.

— Neferet confessou os crimes da Boston Avenue Church. Está lá dentro com os reféns. Estão controlados por ela. Não sei dizer se é sortilégio, ou se os conseguiu aterrar tanto que estão dispostos a fazer tudo por ela. Mas o chefe não iria crer nas coisas pavorosas que ela os manda fazer.

— Depois de ver o que ela fez na Boston Avenue Church, não me parece que possam vir daí mais surpresas — disse o chefe em tom lúgubre.

— Está a ver aquele cadáver? A rapariga rasgou o próprio pescoço para Neferet enquanto lhe dizia, “obrigada, Deusa.” — Marx apontou com a cabeça para a pilha ensanguentada que tinha sido a rapariga.

— Faz ideia de quanta gente ela lá tem?

Marx abanou a cabeça.

— Só pode ser cerca de uma centena, mas não há como confirmar. Ela fechou o restaurante e trancou o edifício. Tanto quanto podemos ver, não deixa sair ninguém.

— Pois vai ter de nos deixar entrar.

— Chefe, parece-me útil conseguirmos qualquer espécie de informações sobre os reféns. Não queremos mais do que aconteceu na igreja. Ela chacinou aquela gente, mas os cadáveres não pareciam nada do que eu já vi ser obra de vampyros. Estavam esquartejados, devorados e exangues. O poder de Neferet é algo com que nunca lidámos.

— Pois, eu vi. — O chefe abanou a cabeça. — Como raio é que uma vampyra podia fazer aquilo? Já ouvi falar de Sumo-Sacerdotisas que conseguem baralhar a cabeça das pessoas, controlar e até apagar memórias. Sei que são fisicamente possantes, embora não tão fortes como os Guerreiros. Mas a matança na igreja... — Tornou a abanar a cabeça. — Nunca tal ouvi. E você? Não tem uma irmã vampyra?

— Tenho, e hei de telefonar-lhe, mas há uma coisa que o chefe deve saber. Neferet não diz ser vampyra. Agora intitula-se Deusa,

especificamente Deusa da Escuridão e Rainha Tsi Sgili, seja lá o que isso for. Disse que fez do Mayo o seu templo e quer que Tulsa lhe preste culto.

O chefe soltou um grunhido de escárnio.

— Nem com mil raios. Assim que tivermos a crise dos reféns resolvida, vamos entrar. Depois vemos o que o calibre 50 do nosso atirador pode fazer contra os delírios de divindade dela.

Marx assentiu, mas tornava a sentir a desconfiança, já tão sua conhecida, que lhe dava um pressentimento mau quanto ao desenrolar da situação.

— Os sacanas dos vampyros andam a perder a cabeça ultimamente. Primeiro matam o presidente da Câmara, depois os dois homens no parque, a matança na igreja, e agora isto. Quer-me parecer que temos de fazer mais do que isolar a Casa da Noite. Acho que temos de os apanhar e escorraçar de Tulsa!

— Chefe, quanto aos dois homens no parque. — Marx franziu o sobrolho. Sabia que o sentimento antivampyrico começava a abundar, mas detestava ter de ouvir aquela trampa racista do próprio chefe da polícia.

— Sim, o que é que tem? Não foi você quem prendeu a iniciada que confessou os crimes? Raios, ela até pode ter matado o LaFont!

— Aliás, chefe, Neferet acabou de confessar o crime do presidente e dos tais dois homens. Gabou-se disso, bem como do massacre na igreja.

O chefe piscou os olhos, admirado.

— Então porque é que aquela iniciada tinha de se declarar assassina? Está mancomunada com a Neferet?

— Duvido muito. Zoey Redbird e Neferet têm um passado de hostilidade entre elas. É mais provável que a Zoey se tenha deparado com os homens, se tenha protegido e, quando ouviu dizer que estavam mortos, tenha pensado ter sido ela a matá-los. É boa miúda, chefe. Acho que se entregou por estar roída de remorsos. Nem sequer queria nenhum vampyro adulto perto dela.

O chefe olhou para ele como um boi para um palácio. Marx refreou um suspiro e explicou.

— Se uma iniciada não estiver perto de vampyros adultos, há cem

redimiça

por cento de hipótese de o corpo rejeitar a Mudança e de morrer. A Zoey já se tinha julgado e condenado, e decidiu que a sentença era pena de morte.

— Esqueci-me do quanto você percebe de vampyros. — O chefe abanou a cabeça de desagrado. — Parece que não interessa serem humanos ou vampyros, os adolescentes não têm cabeça nenhuma.

Marx abriu a boca para contrapor — com todo o respeito — que até conhecia adolescentes com cabeça, incluindo Zoey Redbird, quando o grito de um agente à paisana o interrompeu.

— Oh, meu Deus! Olhem para cima!

Marx virou logo a cabeça e o olhar para cima, a tempo de ver umas criaturas negras e grotescas que pareciam cobras, tirando não terem olhos — apenas bocas escancaradas cheias de dentes que brilhavam de sangue —, a serem atiradas por qualquer força invisível da balastrada de pedra do varandim do hotel. As criaturas traziam com elas uma explosão de sangue e tripas, bocados de carne e osso. Conforme caíam, expandiam-se, passavam de cobras sem olhos a um pano negro e pulsante manchado de carmim. O pano agarrava-se à fachada de pedra do Mayo, embrulhando-a em escuridão e sangue conforme descia a desenrolar-se.

— Fogo! A matar! — berrou o chefe da polícia.

Marx tentou impedi-lo. Tentou lembrar-lhe de que havia cidadãos inocentes lá dentro que podiam facilmente ficar feridos ou até ser mortos. Tentou dizer-lhe que o ataque só serviria para antagonizar a vampyra que fizera dos cidadãos reféns e que já era tão louca a ponto de se achar imortal. Porém, irrompeu à sua volta um tiroteio de pânico, e as palavras perderam-se no frenesim.

A princípio, Marx não queria olhar para cima. Não queria ver o hotel crivado de balas e começar a lidar com o rescaldo da ordem precipitada do chefe. Ora, Marx não era o tipo de homem que evitava as vicissitudes da vida; fizera carreira a lidar com elas. Resolutamente, olhou para cima.

As cobras feitas pano de cena tinham-se expandido a ponto de parecer que o prédio ganhara uma pele preta e carmim, uma pele tão dura que nem as *Glocks* que os agentes disparavam a tinham penetrado.

Ficaram todos a ver a escuridão a alastrar pelo prédio até ao nível

térreo e fazer poças no chão com um restolhar que fez Marx lembrar-se da altura em que fora a Nova Iorque e ficara no Plaza — e fizera o erro de sair para fumar um cigarro às 3 da manhã. Ratazanas. Ele dirigira-se a uma fila de sebes bem aparadas diante da grandiosa entrada do Plaza e ouvira barulho. Olhara para baixo e ficara chocado com as dezenas de ratazanas gordas a escapulirem-se entre as sebes. Era assim que soava a mortalha de escuridão que Neferet tinha criado, quando chegara ao chão do prédio e lá ficara num desassossego contra a pedra dos anos 20.

— Fogo às portas. Arrombem aquela coisa maldita e preparem-se para lá entrar! — bradava o chefe.

— Não! — berrou Marx quando os agentes fardados à sua volta se levantaram para obedecer ao chefe.

Determinado a sobreviver para lutar mais um dia, Marx agachou-se atrás de um carro-patrolha.

Terminou tudo em segundos. Os agentes correram para as portas, a dispararem contra o vidro agora coberto de preto manchado de sangue e tripas. Até lhe doeu o coração quando a gritaria começou. Marx já comunicava via rádio:

— Vários agentes abatidos! Precisamos de mais carrinhas no Mayo! E reforços! Mais reforços! Todos os agentes de Tulsa já!

Quando o chefe cambaleou e caiu pesadamente no passeio, a bala de um polícia a deixar-lhe uma rosácea encarnada no meio da testa, os olhos revirados, leitosos, sem ver, indubitavelmente morto, Marx fez a única coisa que sabia fazer — tomou as rédeas da situação.

— Cessar-fogo e retirar! Retirar! — gritava, e os homens reagiam com um alívio evidente.

Um jovem agente fardado agachou-se ao lado dele, arquejante, as mãos trémulas. Marx achou que o miúdo não podia ter mais de vinte e um anos.

— Santíssimo Sacramento, aquela coisa preta nem sequer ficou lascada! Fez ricochete e mandou as balas contra nós, como se fizesse mesmo pontaria. Que raio é aquilo? — perguntou ele, a voz a tremer tanto como as mãos.

— Magia — respondeu Marx. — Magia negra e antiga.

— Como raio é que vamos ripostar?

redimiça

Marx encarou o jovem.

— Não ripostamos. Precisamos de ajuda. Felizmente, sei onde ir buscar.

Zoey

— Quem me dera saber que raio se está a passar! — Stark andava de um lado para o outro à porta da minha cela.

— Vai ver se a avó ainda está na sala de espera. Ela pode ir saber o que se passa. Ela trouxe bolachas. Ninguém resiste às bolachas da avó — disse eu.

— Boa ideia. Volto já.

Stark lançou-se corredor fora, e eu fiquei a andar de um lado para o outro no lugar dele.

Neferet. Se alguma loucura estava a acontecer no Mayo, a culpada só poderia ser Neferet. Apetecia-me agarrar-me às barras da cela e abaná-las como uma histérica qualquer e gritar, *Tirem-me daqui! Tirem-me daqui! Tirem-me daqui!* Se a Neferet andasse lá fora a fazer sabe-se lá o quê, *eu* também devia andar lá fora a tentar arranjar maneira de a travar.

E andaria se não tivesse perdido o juízo e matado dois homens.

Stark voltou a correr e pôs as mãos nas minhas, que estavam mesmo agarradas às barras da cela como se eu conseguisse dobrar as malditas coisas.

— Devem ter mandado a tua avó embora com a Tanatos e o resto da malta. Não está cá ninguém tirando um polícia na receção. Está tudo deserto! Se eu tivesse a chave, podia tirar-te daqui sem problemas nenhuns. — Ele ergueu o sobrolho e, com as mãos ainda em cima das minhas, deu um abanão às barras metálicas (que *nem* tugeram). Depois fez-me o sorrisinho convencido do costume.

— Mas dado que eu não tenho a chave, não conheces ninguém que, sei lá, consiga conjurar uns elementos, do tipo, assim, para mandar esta porta abaixo?

— Stark, eu estou aqui por uma razão. Fiz uma coisa mesmo, mesmo péssima. Fugir não vai ajudar em *nada*.

— Podia ajudar se a Neferet andar a monte e a ceifar os cidadãos incautos de Tulsa. Aliás, até se podiam esquecer do teu incidente no parque e agradecer-te por ajudares a prender a Doida Varrida.

Fiz um sorriso triste.

— Até se podiam esquecer, mas eu não. Stark, eu não consigo travar a Neferet.

— Já travaste.

— Não foi para sempre, e não foi sem ajuda.

— Bem... — Ele abriu muito os braços. — Tens ajuda!

Tive de resfolegar.

— Não chega. Se nós fôssemos o suficiente, teríamos sido capazes de garantir que a Neferet não voltava de onde a mandámos pastar. — Deixei cair os ombros e encolhi-os. — Provavelmente nem é ela. Pode ser o assalto a um banco.

— No Mayo? Z, é um hotel, não é nenhum banco.

— Bem, pode ser...

Abriu-se a porta do nosso corredor, batendo mesmo na parede com um som metálico, e o Detetive Marx correu para nós. Estava com mau aspeto. Quer dizer, péssimo, péssimo. O fato sujo e um joelho das calças rasgado. Cheirou-me a sangue, mas obriguei-me a não salivar. Aliás, nem me custou muito porque o ar dele era um completo desatino.

Parecia assustado.

— O que aconteceu em Woodward Park? — inquiriu quando chegou ao pé do Stark.

— Já lhe contei.

— Conta-lhe outra vez — disse o Stark.

— Porquê, o que se passa?

— Primeiro responde-me.

— Está bem, como já disse, os dois homens chatearam-me e eu atirei a minha raiva contra eles.

— O que é que fizeram para te chatear? — perguntou ele.

— Não justifica que os tenha matado — disse eu.

— Responde e mais nada! — ralhou Marx.

Admirada com aquele tom, dei comigo a dizer:

redimiça

— Andavam no parque à procura de raparigas a quem meterem medo para lhes darem dinheiro. Só viram as minhas tatuagens depois de começarem a meter-se comigo. Depois, quando perceberam que eu não era nenhuma miudinha indefesa, deixaram de querer meter-me medo. Quase disseram que iam à procura de outra vítima. Passei-me completamente. — Calei-me, mas acrescentei: — Mas há mais. Eu já ia passada quando cheguei ao parque. Por isso é que estava lá. Estava a tentar acalmar. Não... Não conseguia dominar-me.

— Conta-lhe o resto. Conta-lhe porque é que deste a Pedra Vidente à Afrodite quando te entregaste à polícia — insistiu o Stark.

— Na altura não me apercebi, mas agora compreendo que a Pedra Vidente, uma espécie de talismã que me deram na Ilha de Skye, me tem afetado as emoções: amplifica-as, origina-as até, talvez se alimente apenas do meu stresse. Fica quente quando funciona, e no parque estava a esquentar. Só pode ter sido assim que eu fiz levantar os homens no ar e os fiz bater contra a parede ao pé da gruta.

— Não consegues fazer isso, digamos, neste momento? — perguntou Marx, a observar-me bem.

— Não me parece. Sozinha, não, pelo menos. Teria de chamar um ou todos os elementos, e eles ficam mais possantes se o meu círculo estiver comigo e todos nós os cinco os chamarmos.

Marx assentiu com ar pensativo.

— Sabias que os dois homens estavam mortos quando saíste do parque?

— Não. Quer dizer, sabia que os tinha mandado contra a parede, mas foi como que uma explosão de loucura para mim. Fiquei mesmo admirada — respondi. Sem reparar, esfreguei a palma da mão direita nas calças e depois é que olhei. No meio das tatuagens rendadas tinha um círculo perfeito gravado. Estendi a palma da mão para o detetive ver. — Esta marca ao meio, o círculo, é da Pedra Vidente. Aconteceu quando eu atirei a raiva contra os dois homens. Foi como se o poder saísse dela através de mim. Quando me apercebi do que tinha feito, fui ter com eles. — Engoli em seco, a lembrar-me.

— E o que é que viste exatamente? — perguntou Marx, impaciente.

— Estavam caídos no chão, na base do muro do lado da Twenty-first Street. Lembro-me... lembro-me de que ouvi um deles

gemer, e vi o outro mexer-se. Era evidente que os tinha aleijado, talvez até muito, e fiquei assustada, fugi dali. Deviam estar a morrer quando eu me vim embora. Lamento muito. Lamento mesmo. Sei que não faz diferença nenhuma. E sei que também não faz diferença nenhuma o facto de eles estarem no parque a meterem-se com raparigas, *ou* que a Pedra Vidente me tenha dado poder para fazer o que fiz. Foi a minha raiva que matou aqueles homens. Sou eu a responsável. — Mordi o lábio com força. É que não ia *mesmo* desatar a choramingar.

— Não, Zoey. A verdade é que não o fizeste, e não, não és responsável pelas mortes deles. — Ele passou um cartão na ranhura por cima da tranca da porta, e o ferrolho correu com um clique.

— Hã? — Olhei para ele a piscar os olhos, como se estivesse a sonhar. Olhei para o Stark, que ainda mirava o detetive.

— Isto tem algo a ver com a Neferet — disse o Stark.

— Isto tem tudo a ver com a Neferet — concordou Marx. — Ela confessou ter matado os dois homens. Não, não foi bem assim. A Neferet gabou-se de ter matado os dois homens.

O Stark deu vivas e abraçou-me.

— Z, não mataste ninguém!

— Não matei ninguém! — Fiz eco do brado do Stark quando ele me pegou ao colo, a rir-se. Sentia-me nas nuvens, quase zozna. *Não matei ninguém!* Com mil raios — quase rejeitara a Mudança. Quase morria. Por causa da Neferet.

Era sempre a Neferet.

Bati no ombro do Stark, e ele pousou-me no chão (mas não lhe larguei a mão).

Encarei o Detetive Marx.

— Que mais é que ela fez?

— Tu e os teus amigos tinham razão. A Neferet matou o presidente da Câmara. Ele e os dois homens no parque foram só para aquecer. Ela chacinou uma igreja cheia de gente, e neste momento declarou-se Deusa. Fez do Mayo o seu templo, e barricou-se lá com um monte de gente a quem lançou um sortilégio.

— Merda! — exclamou o Stark.

— Oh, minha Deusa! — A Neferet tinha finalmente chegado a

redimiça

vias de facto. Tinha-se finalmente denunciado e mostrado *a toda a gente* quem realmente era.

— Estás livre, Zoey. Foste ilibada de todas as acusações. Mas antes de ires, tenho um favor a pedir-te.

Fitei-o sem vacilar.

— Não precisa de pedir. Eu ajudo, eu faço o que for preciso para a travar.

Marx descontraiu os ombros de alívio.

— Obrigado. Não te vou mentir, Zoey. O que se está a passar no Mayo é mau, é péssimo. A Neferet é poderosa e perigosa.

— E completamente doida varrida — rematei por ele. — Eu sei. Eu sei há meses.

— Então sabes o que vais enfrentar.

— Todos sabemos — disse o Stark. — Porque temos sido os únicos a combater a cabra maluca.

— Então está bem. Precisas de ir buscar a tal Pedra Vidente antes de eu te levar ao Mayo e...

— Espere, não, não está a perceber, Detetive Marx. Quando eu disse que faço tudo o que for preciso para travar a Neferet, não me referia a mim sozinha. — Apertei a mão do Stark. — Uma coisa que já aprendi de certeza é que sou mais forte com os meus amigos.

— Diz-me só do que precisas que eu trato de tudo — disse Marx.

— Tudo o que eu preciso está na Casa da Noite — declarei.

— Então vem comigo, Zoey, eu levo-te a casa.



redimiça



SÉTIMO CAPÍTULO

Zoey

Eu mal tinha saído do carro todo crivado de balas do Detetive Marx quando a avó apareceu a correr da fachada da escola e me abraçou.

— *U-we-tsi-a-ge-ya!* És tu! Eu sabia, eu sabia que vinhas para casa.

Dei-lhe um abraço rápido, e depois dei-lhe o braço e levei-a para dentro da Casa da Noite, com o Detetive Marx e o Stark logo atrás. O Sol estava quase a pôr-se, mas eu sabia muito bem que ainda podia fazer o Stark sofrer. Entrámos no edifício à pressa, sorri para a avó e disse:

— Não matei ninguém! — Depois lembrei-me de quem tinha matado — e do que mais ela tinha feito — e o sorriso sumiu-se-me. — A Neferet matou-os.

— Neferet? — Desviei o olhar da cara alegre da avó e vi Tanatos, Afrodite e Dário a saírem do gabinete da Sumo-Sacerdotisa.

— Zoey, Detetive Marx, por favor expliquem o que aconteceu — pediu Tanatos.

— A Neferet confessou ter matado os dois homens no parque. — O Detetive Marx começou a explicar, mas tive de o interromper.

— Espere, há muito mais a dizer, e eu preciso que o meu círculo fique a saber de tudo. — Olhei para Tanatos. — A Neferet revelou quem é. Não temos tempo a perder.

— Dário, Stark, tragam o círculo da Zoey. Levem-nos para a Sala do Conselho. Tragam Lenóbia também. Ela é a Sacerdotisa mais antiga nesta casa, podemos aproveitar a sua sabedoria. Podem ir! — ordenou Tanatos.

Stark e Dário saíram a correr.

— Detetive, deixe-me indicar o caminho para a nossa Sala do Conselho. Sylvia, ficar-lhe-ia muito grata se nos ajudasse com a sua sapiência no que tivermos de enfrentar com Neferet. Não se importa de ficar connosco?

— De modo algum — respondeu a avó, num tom algo amargo. — Sei muito mais do que queria sobre a Neferet e a sua espécie única de mal. — A avó deu-me um beijo fofo na face e começou a andar com Tanatos e o Detetive Marx na direção da escadaria que levava à Sala do Conselho.

Com isto, fiquei sozinha com Afrodite.

— Não estou a perguntar se me queres lá ou não. *Eu* vou a esta reunião — disse ela antes de começar a seguir as três adultas.

Toquei-lhe no braço e ela rodou a cabeça para poder olhar para mim. Não sei dizer se vi mais medo ou mais raiva nos olhos dela — ambos me faziam sentir péssima.

— Desculpa — disse eu com simplicidade. — Eu estava enganada. Tu estavas certa, o tempo todo. Tiveste razão em ir ter com a Shaylin. Tiveste razão em dizer-lhe que me vigiasse. Tiveste razão em não me contares a tua visão. Eu devia ter-te dado ouvidos, mas não dei, e não teria dado, nem que me tivesses contado da tua visão. Eu estava descontrolada. Eu fui egoísta. Fui estúpida. Desculpa — repeti. — Por favor, perdoa-me.

Enquanto eu falava, a Afrodite ficara muito quieta. Não pôs a mão na anca, não fez nenhum esgar de desdém, não sacudiu o cabelo. Ouviu-me e fitou-me com um olhar atento e brilhante. Não disse nada durante o que me pareceu uma eternidade e, quando finalmente falou, a voz não lhe saiu desdenhosa nem ferina nem sarcástica. Estava muito séria. O porte tranquilo. Parecia e soava como a Profetisa de uma Deusa.

redimiça

— Achava que eras minha amiga — disse ela.

— E sou.

— Tu magoaste-me.

— Eu sei. Quem me dera poder dizer que não era minha intenção, mas não te vou mentir. Na altura, era realmente minha intenção porque eu estava a sofrer muito. Afrodite, a Pedra Vidente afetou-me. Não serve de desculpa para o que eu disse ou fiz. Continuava a ser *eu*. Continuava a estar enganada. Só estou a tentar explicar que me apercebo do que aconteceu... ou, pelo menos, de como aconteceu. E juro-te que não deixarei que torne a acontecer.

Ela continuou a estudar-me em silêncio.

— Também vou pedir desculpa à Shaylin — acrescentei. Afrodite acenou com a cabeça.

— E deves. Pregaste-lhe um susto de morte.

— Não torna a acontecer — repeti solenemente. — Juro.

— Queres a pedra de volta?

— Não, c'um raio! — exclamei, a dar um passo atrás. — Quero que a guardes bem longe de mim.

— Era o meu plano — disse ela. — Só queria saber qual era o teu.

— Não tenho nenhum propriamente, além de pedir desculpa e de te pedir a ti e à Shaylin e, bem, a toda a gente, que me perdoem.

— Era de calcular — disse Afrodite, a soar mais como era seu costume. — Tu costumavas estar mal preparada. E mal vestida. Mas não há ferros de alisar na cadeia? — Ela lançou um olhar avaliador à minha carapinha.

— Não. Cabelo jeitoso não é prioridade na cadeia.

— Bem, até agora só me tinha constado que o sistema prisional do Oklahoma era uma trampa. Agora tenho a certeza.

Com isto, tive de sorrir.

— Então perdoas-me?

— Lá terá de ser. Estás com péssimo aspeto. Não vou enfiar o dedo na ferida da moda que o teu curto encarceramento já abriu.

Ri-me e meti o braço no dela.

— Mas há alguma coisa que tu não consigas reduzir a uma questão de moda?

— Não, e não tens de quê.

Tive de me rir outra vez e dirigimo-nos para a escada. Senti-me leve e contente e, por momentos que fosse, deixei de pensar em Neferet. Concentrei pensamentos numa única prece silenciosa que fiz a Nyx: *Obrigada, Deusa, por me dares uma amiga assim!*

— Minha, não penses que podes começar a abraçar-me e essas merdas. Eu cá não sou de abracinhos. Vamos considerar isto — ela acenou com a mão livre à frente do corpo — uma zona não mexer. O Dário, claro, está escusado dessa regra.

— Captei — disse eu, mas continuei de braço dado com ela quando subimos a escada juntas. — Não me passaria pela cabeça franquear a zona não mexer.

— Ótimo — disse ela, mas não tirou o braço do meu até chegarmos à porta da sala de conferências. Depois parou e virou-se para mim. Muito séria outra vez, declarou:

— Eu perdoo-te, Zoey.

— Obrigada. — Pisquei os olhos, admirada pelas lágrimas repentinas.

— Ora, merda — disse ela e, depois de olhar em redor para confirmar que estávamos sozinhas, abriu os braços e abraçou-me, a sussurrar: — Adoro-te, Z.

Funguei e abracei-a também.

— Eu também te adoro.

Ouviu-se a porta da escada a abrir-se e ela afastou-se logo de mim.

— Não chores — ordenou ela severamente. — O ranho não ajuda em nada ao desastre de moda que já te aconteceu.

— Tá bem. — E funguei mais um bocadinho.

— Zo! Ouvi dizer que te deram ordem de soltura! Iupiii! — bradou um Aurox rejubilante, a soar estranha e maravilhosamente como o Heath. Correu para mim, claramente na intenção de franquear a *minha* zona não mexer. Dei uns passinhos para trás e depois fiquei paralisada quando ele vacilou e estacou. Eu não sabia que raio fazer. Quer dizer, tínhamos decidido ser amigos. Os amigos abraçam-se. Por outro lado, tínhamos decidido ser *só* amigos. Bem, na verdade, *eu* é que decidira sermos só amigos e...

— Ora, merda para isto, dá lá um osso ao touro. Sem ti, tem andado de monco caído. — Afrodite abanou a cabeça de desagrado. — E

redimiça

lá estou eu a usar expressões de campónia. Se começar nisto, mais vale atirar-me de um prédio alto. Deem lá uns chochos ou lá o que for depressinha, e depois entrem para a Sala do Conselho. Infelizmente, não temos tempo para dramas de rapazes. — Ela sacudiu o cabelo, abriu a porta, e saracoteou lá para dentro.

Eu e Aurox ficámos a olhar um para o outro.

— Uns chochos? — perguntou ele.

Até senti a cara a arder.

— Ela quer dizer beijos.

Ele ergueu o sobrolho.

— Tu queres beijar-me?

Felizmente, nada do que ele disse depois de *Iupiii* soava minimamente como o Heath. Pigarreei.

— Não me parece que fosse boa ideia, mas obrigada por perguntas.

— Pois, estou contente que tenhas voltado — disse ele, a sorrir hesitante.

— Eu também. — Retribuí o sorriso. — E embora seja uma baralhão, também estou contente que tu tenhas voltado.

Era para ser um elogio — e talvez até uma piadinha (a situação toda não seria melhor se nos pudéssemos rir dela?), mas o sorriso vacilante de Aurox sumiu-se logo.

— Não te referes a *mim*. Referes-te ao Heath. E o Heath não sou eu. Com licença. O Dário disse que eu devia ir a esta reunião. — Afastei-me para um lado e deixei-o abrir a porta. Não ma segurou, deixou-a bater na minha cara, deixou-me no patamar sozinha, a sentir-me como cocó.

Pronto, disse eu de mim para comigo, *a minha vida seria muito mais fácil se o Aurox continuasse chateado comigo — ou pelo menos aborrecido e desinteressado*. A Afrodite revelava-se cheia de razão com demasiada frequência. Eu não tinha tempo para dramas de rapazes (embora não me parecesse grande problema).

Passei os dedos pelo cabelo numa lástima, endireitei os ombros e entrei na Sala do Conselho da Escola.

A sala era grande, mas parecia sempre pequena por causa da mesa redonda enorme que a dominava. De certezinha que a ideia tinha sido

imitar a do Rei Artur (o qual tinha sido, evidentemente, consorte da Sumo-Sacerdotisa, Morgan Le Fay), e não havia cabeceira, mas o que acabava por acontecer era que, onde se sentasse a Sumo-Sacerdotisa da escola, era automaticamente a cabeceira da mesa.

Por falar na atual Sumo-Sacerdotisa, fiquei admirada por a ver entrar na sala pela porta das traseiras, mesmo quando fechei a da frente atrás de mim. Tanatos fez um sinal com a cabeça para Aurox, o qual assumiu posição de guarda ao lado dessa porta. Depois olhou para mim e apontou para o lugar vago entre a minha avó e a Afrodite. Tanatos sentou-se à esquerda da avó, e ao lado do Detetive Marx. Quando me instalei e tentei não mostrar nervoso miudinho, Tanatos debruçou-se e falou além da avó.

— Dou-te as boas-vindas oficialmente, Zoey — disse a Sumo-Sacerdotisa da Morte.

— Nem sei dizer-lhe como estou contente por estar cá, e por saber que não matei realmente ninguém — disse eu.

— Mas aprendeste uma lição inestimável com essa experiência — disse a avó.

— Pois, tem de se travar a Neferet dê lá por onde der — disse Afrodite.

— Pois tem, mas acho que a lição a que a avó se referia era que, em caso de dúvida, escolher a bondade — expliquei.

— Não me parece que isso vá servir de muito com a Neferet — resmungou Afrodite.

— Ainda podes ficar admirada, minha filha — disse a avó baixinho, com um sorriso muito sábio.

A porta abriu-se e Stevie Rae entrou, seguida de Stark, Damien e Shaunee.

— Z! Oh, minha nossa *senhora*, é tão bom ver-te livre! — Stevie Rae correu para mim e deu-me um abraço enorme. — Eu sabia que não podias ter matado aqueles tipos.

Também lhe dei um abraço antes de ela me soltar. Encarei-a.

— Tenho algo a dizer sobre isso, mas quero esperar até estarem todos aqui.

— Acabou a espera, o Jeitoso chegou — disse Afrodite, a sorrir quando Dário entrou na sala com Lenóbia e Shaylin. Dário e Stark

redimiça

assumiram posição de cada lado da porta principal. Stark fez-me uma piscadela de olho e fiquei contente por ver que já não estava pálido e que os olhos já não pareciam pisados. Para estar com melhor aspeto, já devia ser sol-posto, e calculei que o Refaim também não tardasse a chegar.

Lenóbia sentou-se ao lado do Detetive Marx, e cumprimentou-o cordialmente com um aceno de cabeça. Shaylin escolheu um lugar o mais longe possível de mim e não me queria encarar. Levantei-me e pigarreei.

— Sei que há uma emergência com a Neferet na baixa da cidade, mas tenho de dizer uma coisa antes de começarmos a lidar com isso, e serei rápida. Como todos sabem, descobri hoje que não matei os tais dois homens no parque mas, embora não lhes tenha realmente causado a morte, sei que poderia ter sido eu. Estava descontrolada. Tinha algo a ver com a Pedra Vidente, mas também era *eu*. *Eu* estava enganada. A Afrodite estava a fazer exatamente o que Nyx esperaria de uma das duas Profetisas: estava a informar a Shaylin de que algo se passava comigo, algo de mal. — Olhei para Shaylin até que ela, com relutância, me encarou. — Shaylin, já pedi desculpa à Afrodite, mas também te devo pedir a ti. Tinhas razão em me seguir. Tinhas razão em contar à Afrodite das alterações que vias na minha aura. Eu fiz muito, muito mal em ter-te empurrado e perdido a cabeça daquela maneira, e não estou só a pedir que aceites o meu pedido de desculpas. Também estou a fazer — calei-me e olhei para todos os meus amigos na sala — a ti e a todos uma promessa em como farei o que for preciso para nunca mais tornar a acontecer.

— Eu perdoo-te — disse Shaylin sem hesitar, embora o sorriso fosse hesitante, e ela ainda parecesse assustada. — A propósito, as tuas cores voltaram ao normal.

— Obrigada — disse eu. — E por favor diz-me, ou a qualquer outro dos aqui presentes, se vires as minhas cores a mudarem outra vez. Fiz mal em dizer-te que devias guardar essas informações para ti. Não é violação de privacidade. É usar um dom concedido por Nyx.

— Zoey, onde está a Pedra Vidente agora? — perguntou Tanatos.

— Tenho-a eu — disse Afrodite antes que eu pudesse responder.

— E não a quero para mim — acrescentei.

— Se tiver o poder que todos dizem que tem, a Zoey poderá não ter hipótese senão querê-la — disse o Detetive Marx. — Porque vai ser preciso muito poder, poder mágico, para combater a Neferet.

— Detetive, é a sua vez. Explique exatamente o que a Neferet tem feito — pediu Tanatos.

Sentei-me e ouvi, com o estômago apertado e um pressentimento terrível de que Marx tinha razão.

Zoey

Fez-se um longo e doentio silêncio depois de o Detetive Marx descrever, ao pormenor horrórico, a matança que a Neferet fizera na igreja, e depois o que tinha acontecido no Mayo.

— Eu senti as mortes — disse Tanatos, a abanar a cabeça com ar triste. — Soube que era qualquer espécie de tragédia humana coletiva que só podia ter ocorrido muito perto de Tulsa. Tenho visto os noticiários, à espera de dizerem que se despenhou um avião de passageiros, ou talvez um daqueles trágicos atentados nas escolas outra vez. Não estava à espera disto. Não estava mesmo nada à espera que a Neferet fosse responsável por tudo isto.

— Não temos podido prever o comportamento dela, mas talvez possamos saber o que esperar dela no futuro se analisarmos os crimes da Neferet — disse a avó. — Ela matou o presidente da Câmara, e essa morte levou-a até Woodward Park. — A avó calou-se e fez um sorriso triste para a Afrodite. — Desculpa falar da morte do teu pai de uma maneira tão clínica, minha filha.

— Compreendo. Até quero que fale — disse a Afrodite com toda a seriedade. — Se a morte do meu pai nos ajudar a derrubar a Neferet, pelo menos a morte dele servirá para *alguma coisa*.

A avó assentiu com a cabeça e continuou.

— Ela deve ter estado escondida no parque até a Zoey ter aquela altercação com os dois homens.

— Eu estava sentada no banco ao lado da gruta quando eles

redimiça

começaram a meter-se comigo — disse eu, a tentar ajudar na montagem das peças do quebra-cabeças. — A Neferet podia ter estado escondida na gruta.

— Vou mandar uns agentes fardados lá ver — disse o Detetive Marx, a tirar apontamentos num bloquinho preto com espiral.

— E lá encontrou outra grande fonte de poder — acrescentou Lenóbia. — Não nos podemos esquecer que o poder é sempre o mais importante para a Neferet.

— Ela usa o poder para controlar aquelas coisas que mais parecem cobras, as coisas que mataram as pessoas no telhado do Mayo e criaram aquela... nem sequer sei o que lhe hei de chamar. — Marx hesitou, a pensar. — É uma pele protetora, ou uma barreira. Seja lá o que for, está cheia de poder.

— As criaturas que parecem cobras são feitas de Escuridão. Pense nelas como sendo pensamentos odiosos, horríveis, malignos, que ganharam forma física — expliquei ao Detetive Marx. — Eles fazem o que ela quiser porque ela lhes faz sacrifícios humanos. Pode acreditar que a Neferet não mordeu aquela gente toda na igreja. Ela sacrificou as pessoas àquelas criaturas para continuarem a fazer o que ela quiser.

— Uma Tsi Sgili precisa de muito mais do que sangue para ter poder — disse a avó.

— Tsi Sgili, Rainha Tsi Sgili — disse Marx — foi o que a Neferet se intitulou depois de alegar ser uma Deusa.

— Tsi Sgili é um nome antigo que o meu povo tem para bruxas que escolheram a Escuridão em vez da Luz. Vivem à parte, ostracizadas por todos. — A avó estremeceu. — As nossas lendas dizem que se alimentam de almas.

— A Morte — disse Tanatos. — Eu já devia ter compreendido. A Neferet alimenta-se da energia libertada pelo espírito de uma pessoa no momento da morte.

— Oh, Deusa! — Lenóbia fez um ar horrorizado e levou a mão ao peito. — Conheço a Neferet há mais de um século. Sempre estive por perto quando um iniciado rejeitou a Mudança. Pensávamos, as Sacerdotisas pensavam, que o dom balsâmico da Neferet confortava a transição dos jovens.

— Ela não os confortava, ela usava-os — disse eu.

— A Neferet teve algo a ver com o facto de nós termos morrido e desmorrido — disse a Stevie Rae. — Eu não me lembro, talvez porque não me consigo obrigar a isso. — Stevie Rae estremeceu também. — Mas sei que foi como se arrancassem algo dentro de mim. — O olhar dela encontrou o de Stark, o outro único vampyro vermelho presente na sala. — De que é que te lembras?

— Dor. Escuridão. Terror. Raiva. — As palavras saíam-lhe sincopadas, embora falasse em voz baixa e até tivéssemos de fazer um esforço para ouvir. — E quando tornei a mim, já não era eu. Só voltei a ser eu quando a Zoey disse que tinha fé e confiança em mim.

— E eu também só tornei a mim quando a Afrodite teve fé e confiança em mim — disse Stevie Rae. A Afrodite resfolegou.

— Não é bem assim que eu me lembro. Lembro-me de que tentaste morder-me e fizeste com que eu deixasse de ser iniciada.

— Porque me deixaste. Porque sacrificaste a tua humanidade por mim — disse Stevie Rae.

— A parte de me morderes não foi nada fixe — resmungou Afrodite.

— O amor é mais forte do que o ódio. É a única certeza absoluta no universo. O amor pode conquistar a Escuridão — disse a avó. — Simplesmente temos de descobrir como é que o amor pode conquistar a Neferet.

Ouvi bastantes suspiros a fazerem eco do meu.

— Muito bem, sou todo a favor de o amor vencer — disse o Detetive Marx — mas temos de enfrentar o que se estiver a passar com as tais coisas que parecem cobras também.

— A Neferet alimenta-as — disse eu, a sentir a verdade das minhas palavras conforme as dizia. — Ela dá-lhes o que elas querem: sacrifícios de sangue fresco, e elas obedecem-lhe. Se conseguirmos chegar à Neferet, enfraquecê-la, ou pelo menos contê-la e impedi-la de matar mais gente, ela deixará de poder alimentá-las, e hão de abandoná-la.

— Concordo, mas acho que há mais naquilo, Zoey. Os tentáculos de Escuridão estão a mudar, a evoluir, junto com a Neferet — disse Tanatos. — Nunca, jamais, nos cinco séculos em que tenho sido vampyra, me constou de alguém a criar uma barreira como aquela que o Detetive Marx descreveu. — Virou-se para Marx. — O senhor

redimiça

diz que parece senciente, que até direcionou as balas para agentes específicos?

— Não tenho dúvidas. Eu estava lá. Vi de perto, perto de mais. Os primeiros tiros disparados contra ela atingiram *todos* o agente que tinha ofendido a Neferet, mas apenas em partes do corpo que o colete de *kevlar* não protegia. Os disparos seguintes atingiram vários agentes, mas mataram o chefe da polícia: o homem responsável pela ordem de entrar no edifício — disse Marx.

— Lenóbia, já te constou uma coisa destas? — perguntou Tanatos.

— Nunca.

— Então chamem a cavalaria — disse Marx. — Tragam o Alto Conselho dos Vampyros. Talvez nos possam ajudar a travar a Neferet.

— O Alto Conselho recusou-se a ajudar-nos — disse Tanatos. — A cavalaria somos *nós*. — Ela levantou-se. — Portanto, Detetive Marx, vamos ao Mayo para vermos exatamente o que temos pela frente.

A porta das traseiras da Sala do Conselho abriu-se e Kalona, de tronco nu e olhos ambarinos coruscantes de raiva, avançou para Tanatos.

— É altura de chamares a cavalaria toda. Eu sou o Guerreiro da Morte, onde tu fores, eu vou. Que se danem humanos e consequências.

— As asas negras abriram-se e parecia que sitiavam a sala inteira.

O Detetive Marx ficou de boca aberta. Literalmente.

— Com mil raios — bichanou Afrodite.

— E coriscos — disse eu, a pensar no que raio iria acontecer a seguir.